



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO

ANA CAROLINA BOLDORI

**A constituição do falante *na* e *pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do
envelhecimento**

Passo Fundo/RS

2023

ANA CAROLINA BOLDORI

**A constituição do falante *na e pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do
envelhecimento**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras na linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, sob orientação da Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo/RS

2023

CIP – Catalogação na Publicação

B687c Boldori, Ana Carolina
A constituição do falante na e pela narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento / Ana Carolina Boldori. – 2023.
71 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Narrativa (Retórica). 2. Linguística. 3. Análise do discurso narrativo. 4. Fala - Crianças. 5. Fala - Idosos.
I. Diedrich, Marlete Sandra, orientadora. II. Título.

CDU: 801

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

“A constituição do falante *na e pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento”

Elaborada por

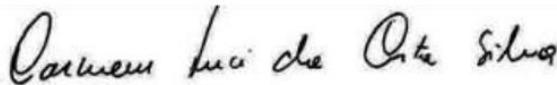
Ana Carolina Boldori.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

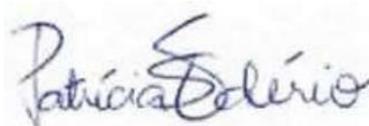
Aprovada em: 02 de março de 2023.
Pela Comissão Examinadora



Prof.^a Dr.^a Marlete Sandra Diedrich
Presidente da Banca Examinadora



Prof.^a Dr.^a Carmen Luci da Costa Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof.^a Dr.^a Patrícia da Silva Valério
Universidade de Passo Fundo



Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, em todas as suas manifestações, por ter escrito com perfeição cada linha da minha caminhada, estando comigo em todos os percalços e permitindo que um sonho se tornasse realidade.

À minha família, em especial meus pais Neura e Antônio, os quais, apesar de não terem tido a oportunidade de estudar, sempre acreditaram no poder de transformação que o ensino proporciona. Obrigada por serem exemplo de humildade e persistência! Se hoje comemoro o título de mestra, primeiro na nossa família, foi por causa de vocês.

Ao Arthur, que esteve comigo dia após dia, sempre segurando a minha mão nos momentos em que mais precisei.

Aos meus irmãos, Márcio e Matheus, e à minha cunhada Rita, pelo companheirismo e incentivo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Marlete, que me acolheu nesse caminho tão desafiador que é a pesquisa e me ajudou a aprender muito além da ciência. Muito mais do que conhecer um exemplo de professora, sua presença constante na minha vida acadêmica me permitiu conviver com um exemplo de ser humano. Sem você, nada disso seria possível.

À Caroline V. Becker, que, mesmo de longe, me acolheu nos primeiros passos rumo ao mestrado, mostrando caminhos e abrindo as primeiras portas para que eu chegasse até aqui.

À Secretária de Educação e Vice-Prefeita de Capão Bonito do Sul/RS, senhora Marizete P. Rauta, e ao prefeito Felipe Junior Rieth, por terem sido um suporte no momento em que mais precisei.

Ao meu colega e diretor da E.M.E.F. Firmino Frizzo, de Capão Bonito do Sul/RS, professor Jerry Segala, por ser um gestor ético e coerente em suas decisões frente ao corpo docente da escola. Agradeço por ter compreendido todas as situações que marcaram esses dois anos e por ter sido um ombro amigo nos momentos de incertezas.

Aos meus colegas, professores Daiany e João, por terem sido as primeiras pessoas a ajudarem a trilhar este caminho. Se não fosse a compreensão de vocês, tudo teria sido mais difícil.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pela bolsa Capes II; sem a qual o Mestrado seria apenas um sonho.

À coordenação e aos professores do PPGL-UPF, pela dedicação e pelo comprometimento com o curso. Vocês são os pilares que sustentam o ensino de qualidade.

Às professoras da banca de qualificação e da banca final, Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva e Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério, as quais, com seus olhares experientes e criteriosos, aprimoraram este estudo. A excelência naquilo que vocês fazem é referência para muitos pesquisadores.

Finalmente, a linguagem é o mais econômico dos simbolismos. contrário de outros sistemas representativos, não exige nenhum esforço corporal, não impõe manipulação laboriosa. Imaginemos o que seria a tarefa de representar visualmente uma "criação do mundo" se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vejamos no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos; mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco. (BENVENISTE, 1976, p. 30)

RESUMO

O tema de investigação desta dissertação é “a constituição do falante *na e pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento”. Trabalhamos com a hipótese de que *na e pela* narrativa o falante constitui seu lugar enunciativo e seu lugar de dizer na sociedade. A partir dessa hipótese, propomos como objetivo geral: refletir sobre a narrativa como modo de enunciar responsável pela constituição do lugar enunciativo e de dizer do falante – na aurora da vida e na fase do envelhecimento. Como objetivos específicos, estabelecemos: a) investigar a complexa rede de relações espaço-temporais e designações no quadro figurativo da enunciação que determinam o modo enunciativo da narrativa – na aurora da vida e na fase do envelhecimento; b) explicitar como, na relação língua-discurso, o falante constitui seu lugar enunciativo e ocupa seu lugar de dizer numa sociedade que narra – na aurora da vida e na fase do envelhecimento. A fundamentação teórica desenvolve-se a partir da perspectiva enunciativa de Benveniste (1976;1989), com a contribuição dos trabalhos de pesquisadores que se dedicam à obra desse autor, mais especificamente Flores (2013; 2019), Knack (2018), Silva (2009), Diedrich (2015; 2020; 2022) e Valério (2015). Metodologicamente, nossa pesquisa define-se da seguinte forma: do ponto de vista de sua natureza, caracteriza-se por ser uma pesquisa básica; do ponto de vista do objetivo, é descritiva; quanto ao eixo procedimento técnico, enquadra-se como bibliográfica; e, em relação à forma de abordagem do problema, é qualitativa desenvolvida por método observacional e monográfico. Sendo uma análise embasada na perspectiva enunciativa, as narrativas são analisadas e interpretadas utilizando a técnica de análise descritiva. São analisados dois recortes enunciativos derivados de *corpora* de pesquisas anteriores: a) um recorte enunciativo representativo da aurora da vida, compreendendo a narrativa de Sophia, uma menina de 6 anos, e de Theodoro, um menino de 3 anos; b) um recorte enunciativo representativo da fase do envelhecimento, compreendendo a narrativa de ALI e BER, 67 anos. Os resultados desta pesquisa consideram que a prática humana da mobilização da língua em discurso instaura uma complexa rede de relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação, os quais constituem um *modo enunciativo particular*, possibilitando ao falante constituir seu lugar enunciativo, fundamental para que tanto a criança quanto o idoso ocupem seu lugar de dizer na sociedade.

Palavras-chave: Narrativa. Aurora da vida. Fase do envelhecimento. Lugar enunciativo. Lugar de dizer.

RÉSUMÉ

Le thème de recherche de ce mémoire de master est "la constitution du locuteur *dans et par* le récit: à l'aube de la vie et à la phase du vieillissement". Nous travaillons sur l'hypothèse que *dans et par* le récit le locuteur constitue son lieu énonciatif et son lieu du dire dans la société. À partir de cette hypothèse, nous proposons comme objectif général: réfléchir sur le récit comme mode d'énonciation responsable de la constitution du lieu énonciatif et du dire du locuteur - à l'aube de la vie et à la phase du vieillissement. Comme objectifs spécifiques, nous avons établi: a) étudier le complexe réseau de relations spatio-temporelles et désignations au cadre figuratif de l'énonciation qui déterminent le mode énonciatif du récit – à l'aube de la vie et à la phase du vieillissement. b) expliciter comment, dans la relation langue-discours, le locuteur constitue son lieu énonciatif et occupe son lieu du dire dans une société qu'il raconte – à l'aube de la vie et à la phase de vieillissement. Le fondement théorique est développé à partir de la perspective énonciative de Benveniste (1976;1989), avec l'apport de travaux de chercheurs qui se consacrent à l'oeuvre de cet auteur, notamment Flores (2013; 2019), Knack (2018), Silva (2009), Diedrich (2015; 2020; 2022) e Valério (2015). Méthodologiquement, notre recherche se définit comme suit: du point de vue de sa nature, elle se caractérise par être une recherche basique, du point de vue de son objectif, elle est descriptive; et, quant à l'axe procédure technique, elle est classée comme bibliographique; par rapport à la manière d'aborder le problème, elle est qualitative développée selon une méthode observationnelle et monographique. Étant une analyse basée sur la perspective énonciative, les récits sont analysés et interprétés à l'aide de la technique d'analyse descriptive. Deux découpes énonciatives sont analysées, issues de *corpora* de recherches précédentes: a) une découpe énonciative représentative de l'aube de la vie, comprenant le récit de Sophia, une fille de 6 ans, et de Theodoro, un garçon de 3 ans; b) une découpe énonciative représentative de la phase du vieillissement, comprenant le récit de ALI et BER, 67 ans. Les résultats de cette recherche considèrent que la pratique humaine de la mobilisation de la langue dans discours instaure un complexe réseau de relations spatio-temporelles et de procédures accessoires au cadre figuratif de l'énonciation, qui constituent un *mode énonciatif particulier*, permettant au locuteur de constituer son lieu énonciatif, fondamental pour que l'enfant et la personne âgée occupent leur lieu du dire dans la société.

Mots-clés: Récit. Aube de la vie. Phase du vieillissement. Lieu énonciatif. Lieu du dire.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Construindo uma concepção enunciativa de narrativa	33
Quadro 2 – Normas de transcrição dos dados da criança.....	43
Quadro 3 – Normas de transcrição da fase do envelhecimento.....	44
Quadro 4 – Princípios de análise	48
Quadro 5 – Recorte enunciativo aurora da vida	50
Quadro 6 – Recorte enunciativo fase do envelhecimento	52
Quadro 7 – Princípios de análise e resultados obtidos.....	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul

PGL: Problemas de Linguística Geral

PPGL: Programa de Pós-Graduação em Letras

RS: Rio Grande do Sul

UPF: Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A PERSPECTIVA ENUNCIATIVA E O ESTUDO DA NARRATIVA	17
2.1 A LINGUAGEM E SEU SIMBÓLICO	18
2.2 LÍNGUA E SOCIEDADE.....	20
2.3 LÍNGUA-DISCURSO: RELAÇÕES ESPAÇO-TEMPORAIS E PROCEDIMENTOS ACESSÓRIOS NO QUADRO FIGURATIVO DA ENUNCIÇÃO.....	25
3 A NARRATIVA	31
3.1 NARRATIVA NA AURORA DA VIDA	34
3.2 A NARRATIVA NA FASE DO ENVELHECIMENTO.....	37
4 METODOLOGIA	42
4.1 OS <i>CORPORA</i> DA PESQUISA E A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	42
4.2 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS.....	45
5 ANÁLISE	50
5.1 CONSTITUIÇÃO DO LUGAR ENUNCIATIVO	53
5.1.1 As relações espaço-temporais no quadro figurativo da enunciação: os índices específicos	54
5.1.2 Procedimentos acessórios: as designações	60
5.2 CONSTITUIÇÃO DO LUGAR DE DIZER.....	61
5.2.1 Relações inter-humanas: a emissão da narrativa e a percepção desta pelo outro	62
5.2.2 Atualização do acontecimento <i>na e pela</i> narrativa	64
5.3 SÍNTESE DOS RESULTADOS OBTIDOS	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação vincula-se à linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo/RS. Insere-se no conjunto de trabalhos dos estudos enunciativos, propondo a investigação da narrativa na aurora da vida e na fase de envelhecimento do falante.

Nossa temática aborda a constituição do falante *na* e *pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento. Com isso, compreendemos a narrativa como modo de enunciar responsável pela constituição do lugar enunciativo e do lugar de dizer do falante na sociedade – na aurora da vida e na fase do envelhecimento. Levamos em consideração as relações do falante com a língua-discurso na busca pela constituição do seu lugar enunciativo e a relação com o *outro* na constituição do seu lugar de dizer na sociedade. A motivação do estudo faz parte de trabalho anterior, em nossa experiência docente¹. Para que nossa pesquisa chegasse à temática, algumas situações motivaram-nos a pensar na narrativa nas duas fases da vida. No ano de 2019, alunos do sexto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Firmino Frizzo, de Capão Bonito do Sul/RS, sob nossa coordenação, fizeram uma visita a um Lar de Idosos com o objetivo de ler literatura. A visita tinha metodologia pré-estabelecida: os alunos iriam levar livros literários para ler com os mais velhos. Os estudantes haviam escolhido livros especialmente para a ocasião e estavam muito motivados ao chegar no local, todavia, a atividade não ocorria de forma espontânea na interação entre idosos e crianças. Então, passamos a observar quais motivos estariam impedindo que idosos e crianças se relacionassem de forma natural, visto que os alunos tinham as orientações sobre a atividade e o material necessário, e os idosos não haviam mostrado sinais de negação à proposta. Sob uma análise empírica, foi possível perceber que para que se estabelecesse uma relação de interação entre crianças e idosos não era suficiente apenas a língua como idioma. O que estaria faltando para que a interação acontecesse? Para obtermos êxito na proposta didática, passamos a criar novas estratégias. Tendo em vista que apenas a leitura dos livros não se mostrou suficiente para aproximar as diferentes gerações envolvidas, sugerimos que os idosos narrassem suas histórias de vida para as crianças. Após a mudança na metodologia da atividade, foi possível perceber que a interação passou a ocorrer de forma natural. A partir disso, o que poderia ser apenas uma visita a uma instituição municipal abriu caminhos para os estudos na perspectiva enunciativa. Certamente

¹ Utilizamos o termo em primeira pessoa do plural - *nossa experiência docente* - para buscar marcar a motivação para a realização desta pesquisa como uma vivência construída no coletivo.

não estamos investigando a prática anterior relatada, mas ela nos serviu de mote para a pesquisa que ora desenvolvemos em nossos estudos de Mestrado.

Na pesquisa aqui apresentada, partimos das narrativas que não são aquelas contextualizadas em livros literários, mas as narrativas cotidianas na relação *eu-tu*, no *aqui e agora*. Dessa explanação temática, observamos que o falante, na mobilização das narrativas, busca o seu lugar enunciativo e seu lugar de dizer na sociedade, tanto na aurora da vida quanto na fase do envelhecimento. Nessa concepção, estabelecemos dois conceitos centrais para este estudo: *lugar enunciativo*² e *lugar de dizer*, os quais são apresentados no capítulo 2. Já no capítulo 3, dedicamo-nos a apresentar a constituição desses lugares *na e pela* narrativa. Nesse percurso, destacamos que, em nossa pesquisa, *lugar enunciativo* diz respeito à constituição do falante enquanto *eu* da sua enunciação – condição que possibilita ao falante mobilizar a língua em discurso para fazer referências a partir de si –, enquanto *lugar de dizer* se refere à relação com o *outro* na sociedade – o lugar de fala em uma coletividade humana, sendo que o lugar de dizer só é possível a partir do lugar enunciativo.

Como objetivo geral, propomo-nos a refletir sobre a narrativa como modo de enunciar responsável pela constituição do lugar enunciativo e de dizer do falante – na aurora da vida e na fase do envelhecimento. Como objetivos específicos, por sua vez, a pesquisa propõe-se a: a) investigar a complexa rede de relações espaço-temporais e designações no quadro figurativo da enunciação que determinam o modo enunciativo da narrativa – na aurora da vida e na fase do envelhecimento; b) explicitar como, na relação língua-discurso, o falante constitui seu lugar enunciativo e ocupa seu lugar de dizer numa sociedade que narra – na aurora da vida e na fase do envelhecimento.

Os *corpora* da pesquisa são compostos por dados já coletados. Os dados dos idosos³ advêm das narrativas coletas por Valério (2015)⁴, as quais serão trazidas da sua tese de doutorado. Já os dados das narrativas das crianças advêm dos estudos do projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”⁵, coordenado pela professora Marlete Sandra Diedrich, desenvolvido no Programa de Pós-

² Este estudo compreende uma definição autoral de lugar enunciativo, a qual se circunscreve aos limites desta pesquisa.

³ Esclarecemos, sobre o uso do termo *idoso*, que, em seu estudo, Valério (2015) designa esses sujeitos como *adultos com mais de sessenta anos*. Em nossa pesquisa, pela natureza do estudo realizado, precisamos referenciar e nominar as duas fases da vida, para isso, consideramos a Política Nacional do Idoso, Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, e o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, os quais utilizam o termo “idoso” para referir-se a pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.

⁴ Comitê de Ética: Projeto 20205513.6.0000.5344

⁵ Comitê de Ética: Parecer nº 4.849.264. Com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – Fapergs.

Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. As narrativas aqui apresentadas não foram coletadas com os mesmos fins desta pesquisa, porém, por tratarem-se de dados de estudos que tiveram por base a perspectiva enunciativa benvenistiana, encontramos finalidades próximas ao que delineamos. Justificamos o uso de dados já coletados tendo em vista a impossibilidade de ir a campo em um período de pandemia de Covid-19. Assim, na posição de pesquisadores, colocamo-nos como responsáveis pela integridade da saúde dos possíveis participantes e optamos pelo uso de dados coletados por outros estudiosos.

A inquietação investigativa surge quando pensamos em como a narrativa se faz presente em duas fases tão diferentes da vida, uma quando o falante passa a descobrir seu pertencimento na língua e a outra quando já possui uma experiência constituída. Esta pesquisa aborda uma temática relevante, pois narrar é parte inerente ao sujeito. Acreditamos ser possível, com este estudo, entender um pouco mais do homem falante e como ele constitui seu lugar enunciativo e seu lugar de dizer na sociedade.

Estabelecemos esses aspectos quando partimos da perspectiva enunciativa oriunda dos trabalhos de Émile Benveniste, em especial dos textos que compõem as obras *Problemas de Linguística Geral I* (1976) e *Problemas de Linguística Geral II* (1989). Há, nas reflexões benvenistianas, fundamentos que nos auxiliam na busca por compreender a narrativa no viés da perspectiva enunciativa. Encontramos nas obras do autor conceitos importantes para compreendermos a narrativa como um modo enunciativo, dentre eles: linguagem, língua, enunciação, sociedade e língua-discurso. Além disso, estudos de pesquisadores contemporâneos, estudiosos de Benveniste, iluminam a proposta aqui apresentada. Assim, procuramos embasamento, principalmente, em Flores (2013; 2019), Knack (2018), Silva (2009), Diedrich (2015; 2020; 2022) e Valério (2015).

Para conseguirmos investigar a narrativa na aurora da vida da criança e na fase do envelhecimento, em sua manifestação na língua-discurso como busca do lugar enunciativo e do lugar de dizer, precisamos convocar procedimentos metodológicos correspondentes ao que objetivamos, portanto, nossa pesquisa define-se da seguinte forma: do ponto de vista de sua natureza, caracteriza-se por ser uma pesquisa básica; do ponto de vista do objetivo, é descritiva; e, no eixo procedimento técnico, enquadra-se como bibliográfica; por fim, do ponto de vista da forma de abordagem do problema, é qualitativa, com realização em um método observacional. A investigação analisa os dois momentos propostos na trajetória humana: *i*) um na aurora da vida, com a discussão de um recorte enunciativo, ilustrativo da narrativa produzida por duas crianças (uma de três anos e quatro meses e outra de seis anos – dados extraídos do projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da

linguagem” (Cf. Diedrich, 2022)) ; e *ii*) um momento na fase do envelhecimento, com a discussão de um recorte enunciativo ilustrando a fase do envelhecimento, a partir da narrativa mobilizada na relação de um casal de idosos de 67 anos (dados que fazem parte do *corpus* de pesquisa da tese *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação* (Cf. VALÉRIO, 2015).

Voltando nosso olhar para duas fases distintas da vida do falante – aurora da vida e fase do envelhecimento –, fundamentando, a partir das reflexões na perspectiva enunciativa, a narrativa como um *modo enunciativo* constituído na prática humana da língua, em cuja mobilização encontra-se implicada uma complexa rede de relações espaço-temporais, índices específicos e procedimentos acessórios, no quadro figurativo da enunciação determinadas pelos deslocamentos empreendidos pelo falante na língua-discurso, em sua relação com o outro. Dessa forma, é possível investigar a complexa rede de relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação e explicitar como, na relação língua-discurso, o falante constitui seu lugar enunciativo e ocupa seu lugar de dizer numa sociedade que narra.

Esta pesquisa encontra-se dividida em quatro capítulos, além da introdução, considerações finais e elementos pré-textuais. No capítulo 2, voltamo-nos a refletir sobre os conceitos-chave de nossa pesquisa: linguagem, língua, enunciação, sociedade e língua-discurso. A partir desses conceitos benvenistianos, temos nossa base teórica para desenvolver a pesquisa da narrativa. A narrativa não é diretamente definida por Benveniste, mas sua definição pode ser derivada de princípios abordados pelo autor. Além disso, buscamos embasamento em autores contemporâneos, entre eles: Flores (2013; 2019), que nos acompanha em todo o percurso definido a partir de Benveniste; e Knack (2018), que apesar de não desenvolver um estudo a partir das narrativas, auxilia-nos a compreender a narrativa como um *modo enunciativo*, uma vez que a autora entende a língua como prática humana, conceito assumido, também, nesta investigação.

No capítulo 3, buscamos construir a nossa concepção de narrativa, retomando conceitos estabelecidos no capítulo anterior. Com isso, fundamentamos, a partir das reflexões do capítulo 3, uma concepção de narrativa como *modo enunciativo*, de um falante que mobiliza a língua em discurso, na relação *eu-tu*, no *aqui* e *agora*, em uma constante atualização e renovação. Para isso, convocamos os estudos de autores contemporâneos, estudiosos de Benveniste: ao abordarmos a narrativa na aurora da vida, destacamos as contribuições de Diedrich (2015; 2020; 2022), com seu estudo das narrativas na trajetória de aquisição da criança; e Silva (2009), com sua reflexão sobre aquisição da língua a partir do dispositivo enunciativo proposto. Já acerca

da fase do envelhecimento, abordamos os estudos de Valério (2015), pesquisadora que, em sua tese de doutorado, discutiu sobre linguagem, tempo e memória com adultos com mais de sessenta anos. Com esse suporte teórico, propomos uma definição final autoral para narrativa, definição que permite a abordagem aqui proposta.

No capítulo 4, apresentamos nossa proposta metodológica. Para isso, dedicamo-nos a derivar princípios de análise que nos guiam na discussão das narrativas. É nesse capítulo que esclarecemos o conceito de recorte enunciativo, definimos os *corpora* da pesquisa e os critérios de transcrição dos dados. Para isso, mobilizamos os estudos contemporâneos de Oliveira (2022), Silva (2009), Diedrich (2017), Prodanov e Freitas (2013) e Minayo, Deslandes e Gomes (2009).

Já, no capítulo 5, analisamos os dados a fim de darmos conta da nossa temática: a constituição do falante *na* e *pela* narrativa. Dessa forma, buscamos olhar para a narrativa como um *modo enunciativo*, entendendo como o falante mobiliza a língua em discurso para narrar, considerando o lugar enunciativo, nas relações espaço-temporais: mobilização dos *índices específicos* e das *designações*; e lugar de dizer, na emissão da narrativa e a percepção desta pelo *outro* e a atualização do acontecimento.

Por fim, no capítulo 6, apresentamos as considerações finais do nosso estudo, destacando a narrativa como um dos *modos enunciativos* que permite ao falante constituir seu lugar enunciativo e seu lugar de dizer na sociedade, na aurora da vida e na fase do envelhecimento.

2 A PERSPECTIVA ENUNCIATIVA E O ESTUDO DA NARRATIVA

Quando se trabalha com os estudos de Benveniste, é possível perceber a amplitude de sua obra e, inicialmente, é importante que tracemos pontos de partida para nossa pesquisa. Com isso, entendemos que os estudos enunciativos de vertente benvenistiana não representam um modelo acabado, mas uma *rede conceitual*⁶, conforme aponta Flores (2013). Como base para nossa investigação, discorreremos ao longo deste capítulo, acerca das definições de linguagem e seu simbólico, língua e sociedade e língua-discurso em Benveniste.

Nessa perspectiva, nosso capítulo tem embasamento na obra *Problemas de Linguística Geral I* (1976), mais especificamente nos textos “Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, “Da subjetividade na linguagem”, “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” e “Os níveis da análise linguística”; e na obra *Problemas de Linguística Geral II* (1989), com enfoque no texto “O aparelho formal da enunciação”. A riqueza intelectual desse autor tem sido amplamente revistada na atualidade, sendo assim, buscamos referência também em autores contemporâneos que se dedicam aos estudos benvenistianos, tais como Knack (2020) e Flores (2013; 2019).

Justificamos nossa delimitação de conceitos com o apoio de Flores (2013), tendo em vista o que o autor afirma:

[...] quando se estuda Benveniste, é necessário precisar qual parte de sua obra está em exame, porque Benveniste tem uma obra que ultrapassa o campo da enunciação. Estudá-la implica fazer recortes e, antes de tudo, constituir um corpus textual de referência a partir do qual uma pesquisa pode ser desenvolvida. Em outros termos: não é nem correto, nem justo, falar em Benveniste sem fazer recortes na infinidade de textos que integram o que se poderia chamar de a *obra benvenistiana* (FLORES, 2013, p. 21 [grifos do autor]).

Sabemos que Benveniste não é um autor que desenvolveu estudos na perspectiva aquisicional da criança e apesar de trazer elementos que abrangem a vida adulta não vemos nas suas obras especificamente o termo *velhice*. Entretanto, a *rede conceitual* benvenistiana permite-nos explicar a narrativa em uma abordagem enunciativa benvenistiana. Acerca disso, destacamos os trabalhos de Diedrich (2020), autora que recentemente tem se dedicado à narrativa como uma das *complexas formas de discurso*. Em nosso caso, buscamos, neste

⁶ O conceito *rede conceitual* é definido por Flores (2013) para fazer referência à teoria de Benveniste, que possui diversos momentos para uma mesma temática.

capítulo, situar a nossa temática – constituição do falante *na e pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento – na perspectiva enunciativa.

2.1 A LINGUAGEM E SEU SIMBÓLICO

Propomos, nesta seção, um estudo sobre a linguagem e seu simbólico. A partir dos textos “Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística” e “Da subjetividade na linguagem”, construímos reflexões importantes para nossa pesquisa sobre a capacidade simbólica da linguagem.

Para Benveniste (1976), a capacidade de representar e compreender a realidade a partir de um signo se dá em uma relação de significação: “Porque a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*.” (BENVENISTE, 1976, p. 27). A faculdade simbolizante permite ao falante formar um conceito e conseguir distingui-lo do objeto concreto, pois, tal como afirma Benveniste (1976, p. 27 [grifos do autor]), “a faculdade de *representar* o real por um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’ como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de ‘significação’ entre algo e algo diferente.”.

Para Benveniste (1976), essa capacidade de representar tem uma *essência simbólica*, que aparece apenas nos homens, pois “De fato, a faculdade simbólica no homem atinge a sua realização suprema na linguagem, que é a expressão simbólica por excelência; todos os outros sistemas de comunicações, gráficos, gestuais, visuais, etc., derivam dela e a supõem” (BENVENISTE, 1976, p. 30). Com isso, o homem não reage apenas a sinais, mas “inventa e compreende símbolos” (BENVENISTE, 1976, p. 29). Nessa faculdade, é possível que o homem nomeie todas as coisas que o cercam, inclusive suas emoções, sabendo diferenciar o símbolo do simbolizado. Conforme o autor, não existe homem sem linguagem, pois até mesmo “A ascensão do *Homo* na série animal pode haver sido favorizada pela sua estrutura corporal ou pela sua organização nervosa; deve-se antes de tudo à sua faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade.” (BENVENISTE, 1976, p. 29).

Nessa concepção, para Benveniste (1976), o poder de representar e operar sobre as coisas está no pensamento, que consiste no *poder racionalizante do espírito*. Para o autor, esse poder permite que a experiência e a realidade sejam transformadas em *conceitos*, sendo que “O pensamento não é um simples reflexo do mundo; classifica a realidade e nessa função organizadora está tão estritamente associado à linguagem que podemos ser tentados a identificar pensamento e linguagem sob esse aspecto.” (BENVENISTE, 1976, p. 29).

Para o autor (1976), a linguagem possui dois planos: o físico ou material, compreendendo a utilização do aparelho vocal e o aparelho auditivo – dessa forma, podendo ser observada, descrita e registrada –, e a imaterial, que possibilita que as experiências e acontecimentos individuais possam ser evocadas e comunicadas a partir de significados. Assim, um acontecimento pode ser enunciado a partir da experiência na linguagem de cada falante. É a linguagem que permite externalizar e representar todas as formas, em qualquer fase da vida, desde o período aquisicional da linguagem até mesmo a última fase da vida do indivíduo – o envelhecimento. No momento em que falamos em experiência na linguagem, cabe-nos, aqui, fazer uma breve reflexão sobre sociedade e cultura, termos que constituem este estudo. Benveniste (1976) considera que a língua e a sociedade não podem ser concebidas separadamente, pois:

Estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade. Isso não é coincidência histórica, mas encadeamento necessário. De fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura lingüística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular (BENVENISTE, 1976, p. 31).

Com isso, da mesma forma que o ser humano não nasce com o conhecimento da língua, assim acontece com a sociedade. Para Benveniste (1976), a criança aprende, a partir do adulto, que todas as coisas que a rodeiam podem ser nomeadas, desenvolvendo o conhecimento do símbolo e do objeto construído, a partir disso, "desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem" (BENVENISTE, 1976, p. 31). Desse modo, o autor considera que a partir do momento em que as operações mais complexas são aprendidas pela criança ela passa a integrar-se na *cultura*. Assim, considera que independentemente do nível da civilização, a *cultura* é inerente à sociedade, dessa forma, sendo um fenômeno simbólico que compreende todas as normas que organizam a sociedade, sejam formas de comportamento ou proibições, sendo que "Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica" (BENVENISTE, 1976, p. 32).

Ao tratarmos da faculdade simbólica da linguagem, precisamos considerar a experiência na linguagem. Essa experiência constitui as particularidades de cada falante, ou seja, *cada um fala a partir de si*. Nessa concepção, o fundamento da subjetividade é a *pessoa*, visto que "A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso" (BENVENISTE, 1976, p. 286). Entretanto, o *eu* somente existe em

relação a *tu*, em uma relação de troca na alocução. Sabemos que a linguagem e a subjetividade não são constituídas como dois termos separados, mas como afirma Benveniste (1976) ela é marcada profundamente pela subjetividade, podendo ser questionada se sem a subjetividade, ainda poderíamos chamar linguagem. Assim, a subjetividade revela as relações espaço-temporais no quadro figurativo da enunciação, compreendendo as categorias de pessoa (*eu-tu/ele*), espaço (*aquí*) e tempo (*agora*).

Com esse percurso, compreendemos, nesta seção, que *na* e *pela* linguagem o falante constitui-se como *eu* em relação a *tu*, compreendendo a subjetividade. Ainda, a faculdade simbólica atinge sua realização suprema na linguagem. Nessa perspectiva, percebemos que a linguagem é uma faculdade inerente à condição do falante, sendo impossível separá-la do homem.

Na próxima seção, buscamos relacionar língua e sociedade, em um percurso teórico que visa compreender a língua enquanto prática humana, na relação de um *eu* que mobiliza a língua na relação com o *outro*.

2.2 LÍNGUA E SOCIEDADE

No momento em que propomos a temática **a constituição do falante *na* e *pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento**, precisamos investigar como o falante mobiliza a língua em discurso na narrativa para buscar constituir seu lugar enunciativo e seu lugar de dizer em uma sociedade. Buscamos nesta seção, portanto, definir os conceitos de língua e sociedade.

Na seção anterior, a partir do texto “Vista d’ olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, percebemos que é a linguagem que permite *simbolizar*, com isso, precisamos pensar em língua, visto que, nela, uma quantidade de elementos permite infinitas combinações, seguindo certos princípios estruturais. Nesse sentido, Benveniste (1976, p. 24) afirma:

[...] como a língua é organizada sistematicamente e funciona segundo as regras de um código, aquele que fala pode, a partir de um pequeníssimo número de elementos de base, constituir signos, depois grupos de signos e finalmente uma variedade indefinida de enunciados, todos identificáveis por aquele que os percebe pois o mesmo sistema está estabelecido nele.

Ao mobilizar a língua em discurso, o falante pode, portanto, enunciar a partir de um dos modos da enunciação: a narrativa.

Em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, percebemos que “(...) a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação.” (BENVENISTE, 1989, p. 93), assim, a língua permite que a enunciação se manifeste e que a sociedade se sustente. Benveniste (1989) afirma que a língua é finita, todavia, reconhece que ela permite infinitas combinações. Isso faz com que a criança e o idoso precisem escolher quais *combinações* farão com a língua. Com essa afirmativa, passamos a observar a língua em seu uso real, entendendo quais motivos levam idoso e criança a mobilizarem tais combinações em determinadas situações.

Para que a criança, na aurora da vida, possa constituir seu lugar de fala, ela precisa “aprender” a língua da sociedade à qual ela pertence. Do mesmo modo, na velhice, o idoso precisa, pela língua, continuar tendo seu lugar de dizer dentro de determinada sociedade. Para Benveniste (1989), a língua possui dupla oposição. A primeira é a oposição *eu-tu*, a qual é uma capacidade exclusiva do ser humano. A segunda oposição refere-se ao *ele*⁷ que permite que o indivíduo faça referências sobre o mundo que o cerca, deixando de ser apenas alocação e possibilitando o *duplo sistema relacional da língua*. A partir disso, surge uma nova concepção de língua para Benveniste (1989, p. 101), que a percebe como “a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante”. Com isso, esclarecemos dois conceitos importantes na nossa pesquisa: lugar enunciativo e lugar de dizer. O lugar enunciativo é a constituição do falante enquanto *eu* na sua enunciação, fazendo referências a partir de si, mobilizando *na* e *pela* língua, *índices específicos e procedimentos acessórios*. A partir do lugar enunciativo, na constituição do *eu* em relação a *tu*, é que o indivíduo poderá situar-se em relação à sociedade e, a partir da língua em discurso, narrar suas experiências para o *outro*, constituindo seu lugar de dizer.

Surge, aqui, a concepção que buscamos esclarecer, a língua-discurso, que é a língua em emprego, uma vez que o falante, em um ato individual, mobiliza, *na* e *pela* narrativa, as categorias de pessoa (*eu-tu*), espaço (*aqui*) e tempo (*agora*), constituindo seu lugar enunciativo.

Na constituição do indivíduo *na* e *pela* enunciação, consideramos tanto a criança quanto o idoso, os quais, por um ato individual, mobilizam a língua em discurso no grande processo que é a enunciação. Benveniste (1989, p. 101) afirma que “É a língua que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação.”, dessa forma, nossa proposição coloca a narrativa como um dos *modos de enunciar*. Com isso, a partir da narrativa, o falante assume-se

⁷ A oposição refere-se à língua e sua propriedade de referência.

como locutor, mobilizando o aparelho formal da língua, constituindo o aparelho formal da enunciação, para, assim, converter a língua em discurso.

Propomos, neste estudo, a concepção de língua como prática humana, no posicionamento de um *eu* em uma coletividade humana. A partir do artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, Knack (2018) discute a concepção de língua como prática humana na relação do falante com seu discurso e com a sociedade. Em nossa pesquisa, aproximamo-nos da proposta de Knack (2018), para, a partir dela, fundamentar nosso ponto de vista. A autora mostra-nos que “A reflexão construída evidencia que tal concepção de língua [**como prática humana**] decorre da relação constitutiva do falante com seu discurso e com a sociedade, destacando-se o alcance social da enunciação.” (KNACK, 2018, p. 394 [grifos nossos]). De nossa parte, propomos que, ao narrar, o falante busca, situando-se na sociedade à qual ele pertence, constituir seu lugar de dizer – fazer com que a narrativa tenha o alcance social, o que somente é possível a partir do seu lugar enunciativo, colocando-se como sujeito *eu* em relação a *tu* e fazendo referências a partir de si e do contexto social, portanto, “[...] ele ocupa uma posição na sociedade, o que, por sua vez, desdobra uma rede de relações que irá determinar os modos de enunciação” (KNACK, 2018, p. 395). Esse raciocínio deriva do que destaca Benveniste (1989, p. 102 [grifos nossos]) quando afirma que “A língua, com efeito, é considerada aqui enquanto **prática humana**, ela revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum”. Sendo assim, os conceitos de lugar enunciativo e lugar de dizer conduzem o olhar que assumimos nesta pesquisa.

Se compreendemos a língua como prática humana, reveladora dos usos particulares que dela fazem os homens, e percebermos a narrativa como um *modo enunciativo*, podemos concluir que a narrativa se estabelece na prática humana da língua, via usos particulares.

Para Benveniste (1989), no estudo da língua, existem dois níveis: o histórico, no qual a língua é vista como idioma, sob um olhar empírico; e o fundamental, no qual a língua é um sistema de formas significantes e a primeira condição da comunicação. Assim, compreende-se a sociedade nos mesmos dois níveis. Não pretendemos estudar a sociedade em um nível histórico, pois não nos compete determinada reflexão para os fins de nosso trabalho, mas voltamo-nos para o nível fundamental, no qual se encontra a ideia da coletividade humana, condição de existência dos homens. A partir dessas colocações, interessa-nos pensar língua e sociedade no nível fundamental, assim como enfatiza Knack (2018) na existência de homologias no nível fundamental: “[...]língua e sociedade são ambas realidades inconscientes

para o indivíduo, são o meio e a expressão natural e são sempre herdadas” (KNACK, 2018, p. 386).

Ainda considerando o olhar de Knack (2018), compreende-se que as reflexões de Benveniste são “[...] imprescindíveis para compreender a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade, fundamentada nisso que **é de ordem extensiva a toda coletividade e singular na produção individual do falar**” (KNACK, 2018, p. 398 [grifos nossos]). Assim, apesar de a língua estender-se a toda uma sociedade particular, também podemos encontrar as particularidades na mobilização da língua em discurso de cada falante. Como refere a autora (2018), nós também não propomos uma noção de língua como prática humana apenas evidenciando os aspectos sociais, mas uma relação entre a língua e a sociedade, na constituição do lugar enunciativo e lugar de dizer do falante na sociedade, esta entendida como coletividade humana, pois, para Benveniste, nas palavras Knack (2018, p. 401 [grifos do autor]), “O linguista explica que a *língua como prática humana* mostra ‘o uso particular’ que os falantes dela fazem e ilustra isso com o fenômeno da apropriação de termos pelas classes ou grupos sociais, os quais relacionam termos à sua esfera de interesse, a eles atribuindo ‘referências específicas’”

Nesse contexto, a sociedade pode mudar e diversificar suas *designações* de acordo com as necessidades dos falantes ou de grupos sociais específicos, assim, percebemos como a língua e a sociedade estão relacionadas entre si. Segundo Knack (2018), as novas *designações* evidenciam a concepção de língua como prática humana, pois mostram que, nessa mudança, a língua não se encontra nem no nível fundamental, nem no nível histórico, de modo que “[...] o fenômeno da designação está sob a égide dessa terceira concepção de língua, a de língua como prática humana, que *fura e desestabiliza* as fronteiras entre os níveis fundamental e histórico, níveis que Benveniste derivou das outras duas acepções de língua na relação com duas acepções de sociedade” (KNACK, 2018, p. 401).

As *designações* citadas pela autora são concebidas na perspectiva enunciativa benvenistiana como o que pode ser modificado pelos homens na língua, não em seu sistema fundamental, mas tendo em vista que “É que se a diversificação constante, crescente das atividades sociais, das necessidades, das noções, exige designações sempre novas” (BENVENISTE, 1989, p. 96). Desse modo, a língua permite que existam *designações* que nomeiam todas as práticas humanas, entretanto, sem interferirem diretamente no sistema da língua. Com isso, para Benveniste (1989, p. 100):

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que poderia chamar o semantismo social. É esta parte da língua que tem sido mais frequentemente estudada. Ela consiste, na verdade, principalmente mas não exclusivamente, em designações, em fatos de vocabulário. O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. O vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social, sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção que foram sucessiva ou simultaneamente empregados, etc.

A partir disso, a investigação da narrativa na aurora da vida e na fase do envelhecimento fornece-nos reflexões importantes da língua enquanto prática social, pois as *designações* que cada falante mobiliza na língua em emprego refletem fases diferentes da *organização social*. Ao encontro disso, percebemos que, para Benveniste (1989, p. 100), “O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram”. Essa constatação, em nossa pesquisa, pode ser observada da seguinte forma: o idoso possui algumas *designações* que não são conhecidas pela criança, assim como a criança tem em seu vocabulário *fatos*⁸ desconhecidos pelo idoso. Dessa forma, em cada fase da vida, pelo *semantismo social*, é possível observar na língua as diferentes *designações* de cada *fase da organização social*, sem, entretanto, um ou outro *fato de vocabulário* deixar de existir para os falantes, pois, para Benveniste (1989, p. 101):

Para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, a língua que é assim a emanção irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva à toda coletividade.

Nesse cenário, de acordo com Knack (2018, p. 397), “[...] a designação me parece um processo que fura a fronteira entre os níveis fundamental e histórico, já que implica ambos, encontrando sua base na língua como sistema de formas significantes entrelaçada à vida social”. Propomos, a partir dessas percepções, o estudo da língua como prática humana, tal como fez Knack (2018, p. 401), que compreende a língua “como prática humana, um ponto e ancoragem que permite visualizar a condição singular do falante como participante da sociedade”. Assim, entendemos que o falante constitui seu lugar enunciativo na mobilização da língua, fazendo referências e escolhas linguísticas no quadro formal da enunciação. Dessa forma, a partir do seu lugar enunciativo, constitui-se como *eu* em relação ao *outro*. Portanto, o falante enuncia, de modo particular, sempre em relação ao *outro* – em sociedade. Vemos, portanto, a língua

⁸ A partir da reflexão de Benveniste (1989), assumimos *fatos de vocabulário* e *designações* como equivalentes.

enquanto prática humana colocando o falante em relação com a sua enunciação e com a sociedade.

A partir da perspectiva enunciativa benvenistiana, compreendemos língua e sociedade, abrangendo nossa proposta de entender a língua enquanto prática humana, na qual o falante constitui o lugar enunciativo, fazendo referências a partir de si para então ocupar o lugar de dizer na sociedade. Cabe-nos, na próxima seção, esclarecer o conceito de língua-discurso: as relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação.

2.3 LÍNGUA-DISCURSO: RELAÇÕES ESPAÇO-TEMPORAIS E PROCEDIMENTOS ACESSÓRIOS NO QUADRO FIGURATIVO DA ENUNCIÇÃO

Nesta seção, buscamos, dentro dos estudos benvenistianos, compreender a língua-discurso, construindo nossos conceitos a partir dos textos “Os níveis da análise linguística”, na obra *Problema de Linguística Geral* (1976), e “A forma e o sentido na linguagem” e “O aparelho formal da enunciação”, estes constantes na obra *Problemas de Linguística Geral II* (1989).

Nosso ponto de partida é a enunciação, a qual pode ser vista como *ato* ou como *processo*⁹. Sendo *ato*, coloca “(...) em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Já sua compreensão como *processo* decorre do fato de que, pelo ato individual, o falante mobiliza a língua – apropriando-se do aparelho formal da língua – e coloca-se como locutor, *eu* em relação a *tu*, mobilizando as relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação a partir do *grande processo* que é o aparelho formal da enunciação.

Benveniste (1989) aponta-nos quais são os aspectos que estruturam o *grande processo* que é a enunciação, sendo divididos em três: realização vocal da língua, semantização e quadro formal da realização da enunciação.

O primeiro aspecto em que a enunciação pode ser estudada é o aspecto fônico, a partir da realização vocal da língua. Benveniste (1989) evidencia que é necessário que se faça a diferenciação entre a enunciação falada e a enunciação escrita, todavia, o autor esclarece que quem escreve também se enuncia.

⁹ As concepções de enunciação apresentadas neste capítulo possuem embasamento nos estudos de Flores (2013).

Quando propomos a enunciação falada para nosso estudo, consideramos que é possível perceber como as particularidades do indivíduo ficam explícitas no aspecto vocal da enunciação.

Em segundo lugar, a semantização é outro aspecto do processo da enunciação, compreendendo a semiótica e a semântica da língua e as relações de forma e sentido. Benveniste (1989, p. 83) evidencia que a semantização é “[...] é ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação”. Nesse contexto, é relevante destacar a dupla instância da língua: semiótica e semântica, sendo aquela o sentido fechado sobre si mesmo e esta o lugar no qual as formas adquirem um sentido singular. Conforme Flores (2013, p. 166), “[...] a semantização resume todo o trabalho com a língua: a conversão da língua em discurso”.

O terceiro e último aspecto é o que Benveniste (1989) considera o quadro formal da enunciação. Isso implica olhar a enunciação situando os locutores e compreendendo quem enuncia, por que enuncia e quais recursos linguísticos são mobilizados: “Na enunciação, consideraremos sucessivamente o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 83).

Cabe-nos, aqui, distinguir aparelho formal da enunciação e aparelho formal da língua. O indivíduo apropria-se do aparelho formal da língua, colocando-se como locutor, evocando um *tu* e utilizando-se de *índices específicos* e *procedimentos acessórios* para então construir o aparelho formal da enunciação. Os índices específicos compreendem as categorias de pessoa (*eu - tu*), de tempo e espaço (*aqui*) e tempo (*agora*). Já os procedimentos acessórios são mobilizados em determinadas situações enunciativas com base na experiência de cada indivíduo na linguagem e com o objetivo para o qual ele narra. Compreendendo as marcas de temporalidade, que constituem o aparelho formal da enunciação, existe apenas um tempo na enunciação: o presente, pois a enunciação se renova em cada discurso pelo aparelho formal da língua. Nesse sentido, Flores (2013, p. 168 [grifos do autor]) adverte que “É errado supor, então, que o locutor se apropria do *aparelho formal da enunciação*. Ele, na verdade, o constrói, a cada enunciação, a partir do *aparelho formal da língua*”.

Somente na enunciação é que o processo de apropriação da língua em um ato individual se concretiza, sendo o momento em que o locutor produz uma “forma sonora que atinge um ouvinte” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Enunciar pressupõe o outro, um *eu* (locutor) que enuncia para um *tu*. Portanto, para que a enunciação atinja o outro (*tu*) é necessário que se compartilhe uma língua, conforme Benveniste (1989, p. 83):

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.

A partir de um estudo sobre enunciação na perspectiva enunciativa benvenistiana, é possível compreender que o indivíduo mobiliza a língua em um ato individual, produzindo uma *forma sonora* que atinge um ouvinte. Além disso, enunciar pressupõe um *tu*, assim, quem enuncia busca constituir seu lugar enunciativo e seu lugar de dizer na sociedade, tendo em vista que esse grande processo, que é a enunciação, ocorre pela capacidade inerente ao humano: a linguagem.

Consideramos que “A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 83), com isso, o indivíduo mobiliza a língua em um ato individual, convertendo-a em discurso. Assim, entendemos, de acordo com a concepção benvenistiana, que o falante mobiliza a língua, enquanto sistema, no nível semiótico, significando algo; e a emprega no discurso, compreendendo o nível semântico, comunicando algo. Com isso, buscamos utilizar o termo mobilização da língua em discurso, pois de acordo com Benveniste (1989, p. 227), “É no uso da língua que um signo tem existência.”, sendo que é na semântica, pela ação do locutor, que a língua se acha empregada.

Desse modo “O locutor se apropria do aparelho formal da língua **e enuncia sua posição de locutor** por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, 1989, p. 84 [grifos nossos]). Dessa forma, o falante mobiliza a língua, enquanto sistema, e constitui sua posição de locutor, fazendo referências a partir de si – marcando seu lugar enunciativo a partir de *índices específicos e procedimentos acessórios*, para, então converter a língua em discurso. Entendemos língua-discurso como inseparáveis, pois, conforme Benveniste (1989, p. 84):

O ato individual de apropriação da língua **introduz aquele que fala em sua fala**. Este é um dado constitutivo da enunciação. **A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno**. **Essa situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação** (BENVENISTE, 1989, p. 84 [grifos nossos]).

Diante disso, entendemos língua e discurso como termos relacionados entre si, sendo no discurso em que a enunciação se manifesta, sendo possível a constituição do *eu*, que mobiliza a língua em um ato individual, em relação a *tu* e *ele*, podendo, a partir do seu lugar enunciativo, fazer referências sobre o mundo e a si mesmo. A língua-discurso é a língua em emprego, pois

segundo Benveniste (1989, p. 84 [grifos nossos]) “Por fim, na enunciação, **a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo**. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, **a necessidade de referir pelo discurso**”.

No texto “A forma e o sentido na linguagem”, compreendemos que existem dois domínios da língua: o domínio *semiótico* – no qual é possível identificar os signos no uso da língua, relacionando-se entre si e constituindo um sistema, porém, sem ocupar-se da relação entre a língua e o mundo – e o domínio *semântico*, que pode ser assim definido:

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e ação; vemos desta vez a língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Dessa forma, é no domínio *semântico* que encontramos a língua-discurso, pois “Somente o funcionamento *semântico* da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 229). É a língua em emprego, enquanto prática humana, mobilizada em um ato individual, que permite ao indivíduo a constituição do lugar enunciativo e de dizer.

Com isso, percebemos os dois níveis: *semiótico* e *semântico*, pois “A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (BENVENISTE, 1989, p. 229). A partir disso, podemos problematizar o uso de *designações* distintas pelo idoso e pela criança. Apesar de mobilizarem a mesma língua, enquanto código comum – sistema de signos – cada um colocará a língua em emprego de formas distintas, mobilizando arranjos específicos em um ato individual.

Desse modo, na busca por relacionar-se com o mundo a partir da enunciação, a língua é mobilizada em um ato individual, portanto, precisamos esclarecer o que entendemos por ato individual. Encontramos concepções importantes em alguns trechos de Benveniste (1989). Primeiramente, o locutor constrói referências internas em sua enunciação em cada *instância de discurso*, dessa forma, “Essa situação vai se manifestar por **um jogo de formas específicas** cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84 [grifos nossos]). Além disso, na apropriação do aparelho formal da língua, o locutor “enuncia sua posição de locutor **por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios**, de outro” (BENVENISTE, 1989, p. 84 [grifos nossos]). Por fim, para Benveniste (1989, p. 83 [grifos nossos]), “Na enunciação,

consideraremos sucessivamente o próprio ato, **as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização**". Estabelecemos, portanto, que o falante, na mobilização individual da língua em discurso, estabelece sua posição de locutor na enunciação, constituindo seu lugar enunciativo, e a partir da situação em que se encontra, na busca pelo seu lugar de dizer na sociedade, estabelece procedimentos para enunciar sua narrativa.

De acordo com Flores (2013), tanto os índices específicos quanto os procedimentos acessórios são elementos que permitem ao falante constituir-se enquanto locutor do seu discurso. Os índices específicos estão ligados aos índices de pessoa (*eu-tu*) e de ostensão, sendo "termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo" (BENVENISTE, 1989, p. 85), considerando os termos *este* e *aqui*; as formas que indicam temporalidade – temporais – compreendendo a *forma axial*, o presente. Dessa forma, além dos *índices específicos* de pessoa, espaço e tempo, Benveniste (1989) considera também os *procedimentos acessórios*, os quais, segundo Flores (2013, p. 169) "estão ligados à singularidade que cada análise linguística da enunciação evoca, portanto à língua toda".

Cabe-nos aqui esclarecer nossa concepção de relações espaço-temporais e designações. As relações espaço-temporais compreendem, para nós, a mobilização dos *índices específicos* no quadro figurativo da enunciação, com isso, estabelecemos os índices de pessoa, espaço e tempo a partir da relação eu/tu. Os *procedimentos acessórios* não serão aprofundados neste estudo, entretanto, consideramos que as *designações* podem ser definidas neste contexto, pois elas estão relacionadas com a singularidade de cada enunciação. Optando por não aprofundar outros *procedimentos acessórios* nesta pesquisa, estabelecemos o estudo apenas das *designações*, assim, justificando o uso das expressões *relações espaço-temporais e designações*.

Com isso, a mobilização da língua em discurso coloca o falante como locutor *eu* em relação a *tu*, evocando o *outro* – índices de pessoa; a partir do *eu*, com seu lugar enunciativo constituído, o locutor pode fazer referências – índices de espaço; por fim, na enunciação que se instaura o único tempo possível, o presente, pois, de acordo com Benveniste (1989), a temporalidade acontece na enunciação, é a enunciação que instaura a categoria do presente, logo, instaurando a categoria do tempo, uma vez que "[...] o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o 'agora' e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo" (BENVENISTE, 1989, p. 85 [grifos do autor]).

Com as reflexões construídas nesta seção, esclarecemos conceitos importantes para que, no próximo capítulo, possamos traçar uma definição de narrativa na perspectiva enunciativa

benvenistiana. Como um ponto de partida para nosso estudo, consideramos um trecho final do texto “O aparelho formal da enunciação”, no qual Benveniste (1989) considera que outros desdobramentos poderiam ser desenvolvidos no estudo do discurso, considerando a fraseologia, as alterações no léxico e também que seria necessário diferenciar enunciação falada da enunciação escrita, pois o falante pode enunciar-se ao escrever, e, no interior da escrita, os demais indivíduos enunciam-se. Desse modo, numa perspectiva benvenistiana, “Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 90). Nesse sentido, parece-nos que, ao propor a *análise das formas complexas do discurso*, Benveniste (1989) explicita que além da possibilidade da enunciação escrita e falada, pode haver outras formas de o falante mobilizar o aparelho formal da língua para constituir o aparelho formal da enunciação. Ao encontro dessa percepção, Diedrich (2022, p. 16 [grifos do autor]), estudiosa da narrativa na perspectiva enunciativa benvenistiana, considera que:

A narrativa é uma forma complexa do discurso mobilizada no ato enunciativo de narrar, por meio do qual o acontecimento, real ou imaginário, é reproduzido, e para o qual concorre a atualização de formas e de sentidos da língua-discurso.

Nessa concepção, no próximo capítulo, propomo-nos a, com base em Diedrich (2022), investigar a narrativa como uma das *formas complexas do discurso*. A autora entende a narrativa como forma complexa com base na ideia de que, no interior da narrativa, outras formas da língua no discurso são atualizadas, com destaque para aquelas que estabelecem o espaço e o tempo. Nossa visão se coaduna com a da autora, mas, como nosso objetivo nesta pesquisa é outro, empreendemos esforços, no próximo capítulo, para atualizar essa definição nos limites de nossa investigação.

3 A NARRATIVA

No capítulo anterior, estabelecemos pontos de partida para nosso estudo a partir da perspectiva enunciativa benvenistiana, esclarecendo conceitos importantes para que a narrativa possa ser estudada com base em Benveniste (1976; 1989). Para tanto, consideramos o conceito de língua-discurso como a língua em emprego. A partir desse conceito, entendemos que o falante mobiliza a língua, em um ato individual, via *índices específicos e procedimentos acessórios*, a partir do aparelho formal da língua. Assim, reconhecendo-se como *eu*, em seu lugar enunciativo, o falante constitui o quadro formal da enunciação, evocando as categorias de pessoa (*eu-tu*), espaço (*aqui*) e tempo (*agora*) para então converter a língua em discurso. Concebemos a língua como *prática humana*, assim, observamos a linguagem relacionando o falante com a sociedade e com a sua enunciação, logo, língua e sociedade são assumidas como termos complementares, sendo possível, a partir disso, entender a narrativa como um *modo enunciativo* da prática humana da língua, uma vez que, na mobilização de narrativas, o falante se situa no discurso e na sociedade.

Com essas definições, os estudos benvenistianos fornecem-nos uma breve – porém profunda – reflexão que permite uma análise inicial da narrativa, segundo Benveniste (1976, p. 30 [grifos nossos]).

Finalmente, **a linguagem é o mais econômico dos simbolismos**. contrário de outros sistemas representativos, não exige nenhum esforço corporal, não impõe manipulação laboriosa. Imaginemos o que seria a **tarefa de representar visualmente uma "criação do mundo"** se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vejamos **no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos**; mas toda a alma se exalta com eles, **as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça**. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco. (BENVENISTE, 1976, p. 30 [grifos nossos]).

Observamos, nesse fragmento, concepções importantes para nossa definição de narrativa na perspectiva enunciativa. A partir do que afirma Benveniste (1976), podemos fazer as primeiras relações com a delimitação da *rede conceitual* que fizemos no capítulo anterior e buscar as primeiras referências para um conceito de narrativa na perspectiva enunciativa.

A primeira parte da citação diz respeito à linguagem, sendo para o autor (1976) *o mais econômico dos simbolismos*. Assim como afirmamos no capítulo anterior, é na linguagem que a *faculdade simbólica* atinge sua realização, visto que a linguagem é essa expressão simbólica, sendo a mais alta forma de uma faculdade inerente ao ser humano, a faculdade de *simbolizar*.

Com isso, possibilita ao falante formar um conceito e distingui-lo do objeto concreto. A partir do plano físico, pelo aparelho vocal e pelo aparelho auditivo, a faculdade simbólica pode ser observada, descrita e registrada; já no plano imaterial é possível que as experiências individuais de cada falante sejam evocadas e comunicadas a partir de significados. Concebemos a primeira constatação da narrativa na perspectiva enunciativa: a narrativa, a partir da faculdade simbólica da linguagem, permite que as experiências individuais do falante sejam emitidas ao *outro*.

A segunda concepção que derivamos do estudo da citação benvenistiana é o questionamento de Benveniste (1976) sobre como seria a *tarefa de representar visualmente uma “criação do mundo”* sem a linguagem. Vemos, portanto, que a linguagem permite *representar*. Sendo a narrativa possível *na* e *pela* linguagem, percebemos que, além da possibilidade de simbolizar, o falante pode *representar* acontecimentos, assim como a “*criação do mundo*”. Consideramos o *representar* com ênfase no prefixo *-re*. No nosso estudo, utilizamos a narrativa como um modo de enunciar que possibilita ao falante *ressignificar*, *recriar* e *recontar* acontecimentos, segundo Dessons (2006, p. 13 [tradução nossa]), “*ré-* é de fato portador de dois valores: A iteração – « de novo » – e invenção – « de modo novo » [...]”.¹⁰ Dito de outro modo, para o autor, não se trata de uma mera repetição do dizer, mas sempre de uma nova contextualização que é possível pela linguagem, de modo que por meio do exercício da linguagem o mundo não é um eterno retorno, mas uma constante criação. Nesse sentido, o prefixo *re-* volta a funcionar como marcador de historicidade¹¹, o que implica que os usos do prefixo *-re* mostram que o falante pode estabelecer sempre novos significados, pois “Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido” (BENVENISTE, 1976, p. 26). Criança e idoso narram *reproduzindo* suas realidades e, mesmo que narrem diversas vezes o mesmo fato, cada uma das ocorrências será parte de uma nova experiência, pois na enunciação só existe um tempo possível – o presente. Um exemplo do que representa o prefixo *re-* é o que ocorre com o idoso que narra diversas vezes um mesmo momento de sua vida. Nessa perspectiva, talvez possamos entender a posição desse idoso que reconta diversas vezes um fato passado de sua vida: para ele (idoso), é cada vez um fato novo que permite que se insira como locutor naquele momento, naquela

¹⁰ Dessons (2006, p. 13 [grifos do autor]) “*ré-* est en fait porteur de deux valeurs: l’itération – « à nouveau » – et l’invention – « à neuf » [...]”

¹¹ Dessons (2006, p. 14 [grifos do autor]) “Par l’exercice du langage, le monde n’est pas un éternel retour, mais une constante création. En ce sens, le préfixe *re-* fonctionne comme un marqueur d’historicité.”

determinada sociedade. Nessa perspectiva, percebemos que a narrativa, como um *modo enunciativo*, possibilita ao falante *reatualizar* um acontecimento.

A terceira reflexão diz respeito às formas e aos sentidos da língua-discurso. É possível depreender que é na narrativa que a linguagem e sua capacidade de representar podem ser observadas, pois Benveniste (1976) alude ao fato de que os acontecimentos podem ser realizados “na narrativa, sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos” (BENVENISTE, 1976, p. 30). Os *ruídozinhos vocais*, em nossa interpretação, dizem respeito às unidades vocais/fônicas da língua mobilizadas no discurso e que instituem sentidos na relação entre *eu* e *tu*.

Por fim, percebemos que a *sucessão de ruídozinhos vocais* possibilita que as gerações repitam a criação do mundo. Com isso, entendemos que a criação do mundo é um acontecimento, assim como os acontecimentos vivenciados pelos falantes. Dessa forma, *na* e *pela* narrativa os acontecimentos são *reatualizados* em um novo *aqui* e *agora*, pois, a cada vez que eles são narrados, é o mundo do falante que *recomeça*.

Com essas reflexões, derivamos princípios enunciativos para a construção de um conceito enunciativo de narrativa, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Construindo uma concepção enunciativa de narrativa

PRINCÍPIOS ENUNCIATIVOS	CONCEITO DE NARRATIVA
A narrativa é um dos <i>modos da enunciação</i> , compreendendo umas das <i>complexas formas de discurso</i> .	Narrativa é um <i>modo enunciativo</i> , o qual permite ao falante assumir seu lugar enunciativo no quadro figurativo da enunciação, via relações espaço-temporais e procedimentos acessórios; e, por assumir este lugar enunciativo, o falante, na prática humana da língua, assume seu lugar de dizer na sociedade.
A narrativa como modo enunciativo permite ao falante constituir seu lugar enunciativo, a partir da pessoa <i>eu</i> e das relações espaço-temporais e designações no quadro figurativo da enunciação, mobilizando índices específicos e procedimentos acessórios.	
A narrativa, na mobilização da língua em discurso, possibilita ao falante constituir o seu lugar de dizer em uma sociedade.	
A narrativa constitui-se no plano físico e imaterial, permitindo ao falante narrar a partir do aparelho vocal e simbolizar a partir da sua experiência na linguagem.	
A narrativa, como um modo enunciativo, possibilita ao falante <i>reproduzir</i> um acontecimento.	
<i>Na</i> e <i>pela</i> narrativa, desde a aurora da vida até a fase do envelhecimento, os acontecimentos são <i>ressignificados</i> e <i>reatualizados</i> em um novo <i>aqui</i> e <i>agora</i> .	
A narrativa é uma <i>prática humana</i> da língua.	

Fonte: a autora (2023)

O quadro conceitual apresentado ilumina a abordagem que propomos para o estudo da narrativa na aurora e na fase do envelhecimento. Com isso, uma vez conhecedores desse conceito, dedicamo-nos ao estudo da narrativa na aurora da vida e na fase do envelhecimento.

3.1 NARRATIVA NA AURORA DA VIDA

Na seção anterior, situamos a narrativa na perspectiva enunciativa com base na *rede conceitual* benvenistiana. Nesta seção, voltamo-nos para a narrativa na aurora da vida. Consideramos a narrativa como um *modo enunciativo* da prática humana da língua e, nessa perspectiva, compreendemos que a mobilização da língua em discurso relaciona uma complexa rede de relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação, possibilitando ao falante constituir seu lugar enunciativo e ocupar seu lugar de dizer na sociedade.

Com isso, inicialmente, buscamos embasamento em Silva (2009), estudiosa da perspectiva enunciativa benvenistiana na aquisição da linguagem e que nos fornece importantes reflexões sobre a linguagem na aurora da vida.

Conforme Silva (2009, p. 217), “[...] concebemos, no interior do dispositivo trinitário de aquisição um (*eu-tu/ele*)-*ELE*, o *ele* como lugar simbólico da língua e inserimos mais um *ELE* como *outro*, porque instanciado na cultura e participante ausente das enunciações de *eu* e de *tu*”. Com isso, percebemos que os *lugares simbólicos ele* e *ELE* permitem à criança fazer referências a partir do seu lugar enunciativo como *eu*, mobilizando a língua em discurso de acordo com a sua experiência na linguagem, que é constituída a partir da sociedade e da cultura do adulto que a reconhece na relação intersubjetiva, com isso,

[...] o dispositivo (*eu-tu/ele*)-*ELE* possibilita, de um lado, por meio de *eu-tu/ele*, a descrição da enunciação como *ato* (relações enunciativas) e como *discurso* (constituição referencial e intersubjetiva por meio de marcas formais), de outro lado, a consideração de um sistema de relações e valores culturais, inscritos no *ELE*, como *instância constitutiva* do ato de enunciar não descrita lingüisticamente (SILVA, 2009, p. 279 [grifos do autor]).

Assim, entendemos, com a autora, que desde a aurora da vida a criança, precisa constituir seu lugar de dizer em uma sociedade, a qual já está constituída e tem como característica ser uma sociedade que narra. Essa constituição do indivíduo começa desde os primeiros anos de vida, pois desde os primeiros sons emitidos, alguém permite esse lugar de fala e considera como um dizer os seus balbucios.

A partir disso, percebemos o *outro*, constituindo as primeiras referências para que a criança entenda a língua, a sociedade e a cultura que a rodeiam e passe a enunciar a partir da sua experiência. Segundo Silva (2009, p. 156), “a cada vez que a língua é enunciada, o sujeito faz escolhas particulares para aquele acontecimento”. Desse modo, para compreendermos

melhor essa relação da criança com o mundo, evocamos o dispositivo teórico-metodológico proposto por Silva (2009): (*eu-tu/ele*)-*ELE*, o qual consiste em: *eu* - criança; *tu* - outro; *ele* - a língua constituindo referência; e *ELE* - cultura. Para a autora:

Pela temporalidade, a intersubjetividade *eu-tu* instancia a língua (*ele*), enquanto não-pessoa. Essa produção de referências no presente do discurso de *eu* e de *tu*, instaura, pela relação, um terceiro – agora *ELE* -, demarcando uma ausência irrepresentável lingüisticamente nesse campo de presença do discurso de *eu* e de *tu* (SILVA, 2009, p. 217).

A sociedade tem sua própria organização, a língua como código comum e o funcionamento no seu simbólico. Consideramos que *na* e *pela* narrativa a criança busca sua constituição como sujeito nessa coletividade humana¹². A narrativa permite que a criança mobilize a língua como código comum e a partir da linguagem *ressignifique* a realidade que a rodeia em sua experiência com o *outro*. Associamos essa constatação ao que afirma Silva (2009, p. 144):

Quando a criança começa a utilizar a linguagem, o mundo que a rodeia já está nomeado, mas **ela precisa recriá-lo para instituir-se como sujeito, mostrando com o seu dizer a sua posição de um sujeito num dado espaço e num dado tempo**. Com a palavra, marca a presença de algo que está ausente, (re) constituindo, a cada ato enunciativo, referências para um mundo já construído.

Concebemos que é a partir da aquisição da língua que o falante passa a exercer a faculdade de simbolizar, distinguindo o símbolo do simbolizado e *ressignifica* a língua e o acontecimento, portanto, língua e linguagem, neste estudo, são termos que se constituem mutuamente. Para Silva (2009, p. 178):

Com efeito, antes de querer significar o mundo ou co-referir pelo discurso, o que é relevante para a criança, de início, parece ser essa relação prazerosa com os sons a que se entrega com prazer diante da sustentação do outro. [...] Já o outro, o *tu* da relação interlocutória na temporalidade do discurso, aceita a presença desse uso de linguagem como demanda de significação, tomando a fala da criança como instância de referência e possibilitando, enquanto *tu* da partilha, a co-referir no discurso. O jogo interpretativo do adulto põe em cena novas relações num jogo de *ressignificação*.

Como afirmamos nesta pesquisa, narrar pressupõe o *outro*. Dessa forma, a criança (*eu*) narra para um *tu*, seja ele real ou imaginário, e isso coloca a criança em uma relação de *intersubjetividade* com o outro. Apesar de o *tu* da narrativa da criança percorrer o mundo real

¹² Utilizamos sociedade e coletividade humana como sinônimos, tendo em vista o estudo teórico desenvolvido no capítulo 2.

(indivíduos à sua volta) ou o mundo imaginário (personagens, brinquedos que falam, entre outros), todos “esses mundos” são referências que possibilitam que a criança *ressignifique* a língua e o acontecimento a partir do seu lugar enunciativo. As situações reais ou mesmo dos desenhos animados são parte da sociedade da criança, é a partir deles que o mundo faz sentido, são eles que permitem à criança sua constituição como sujeito, pois, de acordo com Silva (2009), a criança passa a fazer parte de um mundo já nomeado e constituído, ou seja, *simbolicamente organizado*¹³, dessa forma, “Muito antes de saber falar, a criança já é constituída por um 'outro'. Dessa afirmação, queremos dizer que o *tu* produz, anteriormente ao *eu*, as referências para o sujeito” (SILVA, 2009, p. 143).

Com isso, percebemos a importância da relação da criança com o *outro* na constituição da enunciação. Nessa concepção, para aprofundarmos especificamente a narrativa da criança, mobilizamos os estudos de Diedrich (2015; 2020; 2022), autora que se dedica a essa temática na perspectiva enunciativa. A autora considera que “Acessar o mundo à sua volta, portanto, é uma necessidade para a criança mover-se nesse mundo, e isso só acontece na relação simbólica vivida com e na língua, o que acontece em atos enunciativos e vai constituir a experiência da criança na linguagem” (DIEDRICH, 2015, p. 67) e aponta que, “Ao narrar experiências vividas ou imaginadas, a criança se apropria das formas da língua para simbolizar, por meio da linguagem, diferentes mundos, instanciando-os no aqui-agora da enunciação” (DIEDRICH, 2020, p. 207). *Pela* narrativa, percebemos a criança buscando seu lugar de dizer e *na* narrativa percebemos a constituição do seu lugar enunciativo; o que lhe permite fazer referências a partir de si.

Para aprofundarmos a questão, consideramos investigar as marcas linguísticas no discurso da criança na sua relação com a narrativa, com a língua e com o *outro*, pois, de acordo com Diedrich (2020, p. 218), “Esta relação da experiência com uma exterioridade para além do eu permite a associação tanto com o evento narrado pela criança como com a língua que ela mobiliza em sua narrativa: na aquisição da linguagem, a criança vive uma experiência com elementos exteriores”.

Com isso, consideramos a criança enquanto sujeito, em uma perspectiva que compreende a língua enquanto prática humana, pois “Como um sistema de valores que é, a língua, em situações de discurso, traz traços culturais que se referem a um modo específico, na prática social, de se narrarem determinados acontecimentos” (DIEDRICH, 2022, p. 18). A partir da consideração da língua-discurso – a língua em emprego –, consideramos que “Ao

¹³ Termo utilizado por Silva (2009, p. 143).

narrar experiências vividas ou imaginadas, a criança se apropria das formas da língua para simbolizar, por meio da linguagem, diferentes mundos, instanciando-os no aqui-agora da enunciação” (DIEDRICH, 2022, p. 18).

É a partir da relação com o mundo, seja real ou imaginário, que a criança constitui sua experiência na linguagem, simbolizando e *ressignificando* tudo que a rodeia pelo emprego da língua em discurso, pois, de acordo com Diedrich (2022, p. 40 [grifos nossos]):

A mobilização de narrativas no diálogo permite à criança a experiência subjetiva por meio da qual **ela se situa na língua-discurso para se situar em relação aos elementos sociais e culturais que marcam sua existência, incluindo-se no universo dos que narram**, a criança se constitui como indivíduo na sociedade.

Para que a criança constitua seu lugar de dizer na sociedade, ela precisa, primeiramente, constituir-se como sujeito da sua enunciação, a partir do seu lugar enunciativo, para então fazer referências a partir do *eu* em relação ao *outro*. É nessa relação de constituição que “A criança, ao narrar, estabelece relações entre o discurso e o mundo, ajustando formas e sentidos na relação com o outro” (DIEDRICH, 2022, p. 27).

Encerramos esta seção trazendo novamente Silva (2009), em uma reflexão que justifica o que propomos em nosso trabalho:

Os caminhos da enunciação permitem o encontro da criança com a língua. Encontro esse que não cessa de acontecer, por meio de 'trilhas' sempre novas reinventadas durante toda a vida. O ato de aquisição da linguagem abre esse caminho para o sujeito se deslocar da enunciação para a língua e da língua para a enunciação. (SILVA, 2009, p. 287 [grifos do autor])

Cabe-nos compreender um falante que narra percorrendo um caminho que não cessa, desde a aurora da vida até o envelhecimento. O complexo deslocamento entre língua e enunciação percorre toda a vida do falante, em uma relação sempre renovada com o mundo e com o outro, mediada pelo poder simbólico da linguagem. Isso faz com que, a partir da língua-discurso, a vida *ressignifique* em cada fase e em cada dizer. Com essa certeza, na próxima seção, buscamos uma reflexão da narrativa na fase do envelhecimento.

3.2 A NARRATIVA NA FASE DO ENVELHECIMENTO

Um grande questionamento levou-nos a pensar em duas fases tão diferentes da vida do indivíduo – aurora e velhice. Percebemos que *na e pela* narrativa a criança busca constituir-se como sujeito e fazer parte de uma sociedade, mas e o idoso? Previamente, podemos pensar: o

idoso já é um sujeito da linguagem, já possui seu lugar na sociedade, já sabe narrar. São esses questionamentos que pretendemos esclarecer e propor novas concepções sobre a narrativa na fase do envelhecimento.

Se na aurora da vida não propomos um estudo acerca das fases do desenvolvimento da criança, na fase do envelhecimento não propomos estudar questões patológicas ou ligadas a direitos (legislações), mas, sim, observar o idoso pela perspectiva enunciativa narrando um acontecimento.

No momento em que a narrativa *sucessão de ruídozinhos vocais* é emitida, o *outro* a percebe e cada vez que um acontecimento é *recontado* e *ressignificado* o mundo recomeça. Com isso, percebemos que a narrativa, como *modo enunciativo*, é uma das *complexas formas de discurso* (cf. DIEDRICH 2022), que permite ao falante mobilizar a língua enquanto prática humana no discurso. Na seção anterior, percebemos a criança que está aprendendo a língua e o funcionamento da sociedade que a rodeia, em uma constante relação intersubjetiva com o adulto, com isso, é possível observar uma relação de significar o mundo a partir dos signos e *ressignificá-lo* a partir da linguagem.

Como ponto de partida, inicialmente, podemos fazer algumas considerações importantes: diferentemente da criança, o idoso já conhece o mundo que o rodeia, já diferencia o símbolo do simbolizado e mobiliza a língua no discurso com o conhecimento do funcionamento da estrutura da língua. Com isso, reafirmamos a nossa busca por entender não somente a língua empregada no discurso, mas as marcas do falante enquanto sujeito que enuncia em seu discurso. Sobre isso, reflète Silva (2009, p. 625 [grifos do autor]):

Assim, o sujeito efeito de uma enunciação designa o sujeito que se constitui na e pela enunciação de seu discurso. Esse discurso contém a história e funda a historicidade do sujeito em um novo aqui-agora. Na historicidade da linguagem, a repetição não se produz de modo idêntico, e, nesse caso, o sujeito jamais é o mesmo a cada enunciação, ainda que a língua seja a mesma e a forma “eu” seja uma repetição.

Com isso, cabe-nos pensar em um falante que está em uma sociedade, que enuncia a partir da subjetividade da sua experiência na linguagem. Nessa perspectiva, o estudo de Silva (2020) sobre as relações de *subjetividade, socialidade e historicidade* torna-se indispensável para pensarmos a relação desse *eu* idoso em relação ao mundo. Apesar de não ser um estudo específico para uma fase da vida, consideramos que essa *triade* apontada pela autora vai ao encontro do que propomos nesta seção, pois a autora, em consonância aos estudos de Dessons (2006), reflète sobre a concepção benvenistiana de “[...] um sujeito constituído *na e pela* linguagem, porque está imerso em sua língua-discurso, com os valores da cultura de uma

sociedade impregnados nessa língua-discurso” (SILVA, 2020, p. 617). Com isso, apesar de o idoso conhecer a língua enquanto código comum e já saber o funcionamento da sociedade que o rodeia, ele ainda assim precisa situar-se enquanto participante da sociedade, e isso só é possível nas relações intersubjetivas. De acordo com Silva (2020, p. 621 [grifos nossos]):

Benveniste postula **o funcionamento intersubjetivo e referencial do discurso (eu-tu/ele), concretizado nas relações entre as pessoas (eu-tu) e a não pessoa (ele) como possibilidade de cada um falar do mundo a outro(s)**, de outro lado, o linguista pontua que **a inclusão do falante no discurso também situa a pessoa na sociedade**, por meio de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação.

Assim como a linguagem, a cultura também se manifesta na língua, sendo que é sempre um novo *aqui e agora*, portanto, “Fundamenta-se, dessa maneira, a relação entre a subjetividade e a socialidade, relação em constante modificação, porque, a cada novo discurso, há instanciação de um novo sujeito na linguagem, o que remete à questão da historicidade [...]” (SILVA, 2020, p. 622). Dessa concepção, consideramos que em cada narrativa instaura-se um novo mundo, pois cada narrativa *recontada* é o mundo do idoso que *recomeça*, *revivendo* no *aqui e agora* um acontecimento e inserindo-se novamente na sociedade, de modo que “[...] o locutor se individualiza como pessoa do discurso e, por meio desse discurso, ele, antropologicamente, também se situa como pessoa na sociedade” (SILVA, 2020, p. 623). Assim, de acordo com Silva (2009, p. 625), “o homem vive o seu presente na linguagem pela inserção do discurso no mundo”.

Constatamos que não há muitas pesquisas da fase do envelhecimento na perspectiva enunciativa benvenistiana, porém, encontramos em Valério (2015) nosso embasamento teórico. A autora desenvolveu sua tese de doutorado com o discurso de idosos com mais de sessenta anos. O estudo que Valério (2015) desenvolveu mostra a relação do tempo e da memória no discurso de idosos, além disso, apresenta-nos um estudo significativo sobre a relação do idoso com a sociedade pela perspectiva linguística antropológica, sua pesquisa “propõe-se a olhar para o lugar que o tempo e a memória tomam no discurso de alguém que envelhece, considerando o sujeito em sua relação dialógica, uma vez que é fundado no seio da sociedade, na cultura” (VALÉRIO, 2015, p. 18).

O estudo de Valério (2015) abre nossa reflexão para a importância do *outro*, também, na fase do envelhecimento, visto que “Ao estudar o sujeito, aprendemos que o fundamento da linguagem é a intersubjetividade, pois *eu* não existe de forma autônoma, sozinho; *eu* só existe em razão de um *tu*, a quem se dirige e cuja condição se alterna no processo de comunicação”

(VALÉRIO, 2015, p. 109). Nesse contexto, a autora retoma a temporalidade, conceito importante no nosso estudo, visto que, conforme a autora, a memória é constitutiva do sujeito e pode recuperar uma possibilidade enunciativa.

Ao contrário da criança, que na aurora da vida ainda está constituindo sua experiência na linguagem, o idoso já possui uma experiência que é recuperada pela memória. Pela narrativa, o falante pode recuperar acontecimentos passados e mobilizar a língua em discurso para narrar tais eventos, porém, é sempre um novo *aqui e agora* da enunciação, sendo sempre uma nova experiência no presente.

A narrativa de acontecimentos passados faz-nos pensar em qual é o motivo que leva o idoso, na fase do envelhecimento, a evocar o outro e a *recontar* um acontecimento, *reatualizando-o*. Acreditamos que a atualização de eventos no *aqui e agora*, via narrativas, permite ao idoso constituir seu lugar de dizer na sociedade. É a narrativa *reatualizando* um acontecimento de um mesmo indivíduo, porém de um novo sujeito em um novo *aqui e agora*. Percebemos que, para Valério (2015, p. 79), “[...] temos indicações que nos autorizam a suspeitar de que as pessoas falam, ou ao menos tentam instituir seu lugar de sujeito na linguagem, na tentativa de garantir seu lugar no tempo”, ou seja, para nós, *na* narrativa, o falante constitui seu lugar enunciativo; e, *pela* narrativa, seu lugar de dizer. Nessa constituição, a língua permite que cada falante mobilize formas específicas de acordo com sua subjetividade, tal qual pode ser observado nas narrativas de acontecimentos passados, em que os fatos não são mais como eram, porém, permitem ao falante fazer referências, pois é no resgate da memória que o falante vive um novo tempo “através de narrativas de situações ocorridas no passado, na busca de elementos que façam sentido no presente e que permitam que as pessoas se inscrevam no presente” (VALÉRIO, 2015, p. 79). Além disso, essas referências permitem que o falante constitua seu lugar de dizer, enquanto participante da sociedade, mobilizando a língua enquanto prática humana para narrar, pois “no ato mesmo de apropriação da linguagem, aqui e agora, que instauram o sujeito no tempo do discurso e marcam sua posição de sujeito no mundo” (VALÉRIO, 2015, p. 79).

Podemos ver que *na* narrativa é possível “guardar” o tempo passado e *pela* narrativa reproduzi-lo no presente, pois, tal como afirma Benveniste (1976, p. 27 [grifos nossos]), “o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, **traz de volta o que desapareceu**”. Assim como a criança narra acontecimentos novos e ficcionais, o idoso *revive* realidades passadas, *reanimando-as*. A narrativa permite trazer de volta um acontecimento que desapareceu e *revivê-lo*, sendo um novo *eu*, um novo lugar enunciativo, dessa forma, “ao mesmo tempo em que testemunhamos os fatos

no momento em que eles renascem pela linguagem, participamos da reconstrução da memória e do tempo no discurso” (VALÉRIO, 2015, p.79).

A sociedade não é imutável. No decorrer dos anos, ela se modifica. A fase do envelhecimento é permeada por mudanças, sejam elas pessoais ou sociais, e o idoso precisa passar a fazer parte da sociedade das novas gerações, da sociedade que age e fala “diferente”, da sociedade da tecnologia, entre tantas outras situações presentes no cenário contemporâneo. A língua como código comum, por si só, não pode fazer com que o falante faça parte de uma sociedade, o falante precisa constituir-se como *eu*, evocando o *tu*. De acordo com Valério (2015, p. 79):

Como no filme, parece possível depreender da fala de nossos participantes algumas tentativas de inscrição no mundo. Falamos em "tentativas", pois observamos algumas situações que mostram que nem sempre essa inscrição é possível, pois para que nossos participantes se inscrevam discursivamente através da linguagem, necessitam de um duplo reconhecimento que nem sempre se institui: a) do outro, interlocutor (*tu*); b) e do outro socialmente reconhecido, a cultura, os outros discursos.

Ainda em Valério (2015), observamos que nem sempre o idoso é ouvido e reconhecido como *eu* pelo *tu* na enunciação. Entendemos que apesar de o idoso narrar, nem sempre ele terá seu lugar de dizer. Assim, percebemos que a narrativa de acontecimentos passados é uma tentativa de buscar seu lugar de fala, a partir de referências da sociedade, de *reatualizar* um acontecimento no *aqui e agora*.

A discussão empreendida nesta seção nos possibilita afirmar que, na fase do envelhecimento, o idoso mobiliza a língua em discurso, constituindo seu lugar enunciativo, o que lhe permite fazer referências a partir de si para que então possa situar-se em relação à sociedade, na busca pelo seu lugar de dizer. Isso ocorre no ato individual de mobilização da língua em discurso, o que, por meio da narrativa, permite ao idoso resgatar uma memória, um fato passado que é *reatualizado* no *aqui e agora*. Esse resgate permite ao idoso ocupar o lugar de falante na sociedade.

Com o caminho percorrido neste capítulo, compreendendo as duas fases da vida – a aurora e a fase do envelhecimento –, percebemos que a narrativa possibilita ao falante constituir seu lugar enunciativo e ocupar seu lugar de dizer na sociedade, tanto para a criança quanto para o idoso. Dessa forma, a prática humana da língua *na e pela* narrativa compreende a mobilização de uma complexa rede de relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação, permitindo ao falante *recontar* e *reatualizar* um acontecimento. Para que possamos efetivamente comprovar nosso posicionamento, apresentamos, no próximo capítulo, a construção da proposta metodológica que guia nosso estudo.

4 METODOLOGIA: DADOS, FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

Conforme os capítulos anteriores, nossa proposta segue a perspectiva enunciativa benvenistiana, dessa forma, este capítulo foi organizado para descrevermos os procedimentos da investigação da narrativa na aurora da vida e na fase do envelhecimento, observando a narrativa como *modo enunciativo* responsável pela constituição do lugar enunciativo e do lugar de dizer do falante – na aurora da vida e na fase do envelhecimento. Damos destaque à transcrição dos dados já coletados e aos princípios metodológicos.

A fim de relembrarmos o tema de nossa pesquisa também nesta seção dedicada aos aspectos metodológicos, reafirmamos nosso estudo acerca da constituição do falante *na e pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento. A partir disso, objetivamos refletir sobre a narrativa como modo de enunciar responsável pela constituição do lugar enunciativo e de dizer do falante, dedicando-nos especificamente a investigar a complexa rede de relações espaço-temporais e as designações no quadro figurativo da enunciação que determinam o modo enunciativo da narrativa, nessas diferentes fases de vida, e explicitar como, na relação língua-discurso, o falante constitui seu lugar enunciativo e ocupa seu lugar de dizer numa sociedade que narra, tanto na aurora da vida quanto na fase do envelhecimento.

4.1 OS *CORPORA* DA PESQUISA E A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Os *corpora* da pesquisa são compostos por dados já coletados. Os dados das narrativas da criança advêm dos estudos do projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”, coordenado pela professora Dra. Marlete Sandra Diedrich, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – Fapergs, sob o parecer nº4.849.264 do Comitê de Ética. Os dados das narrativas de idosos compreendem a coleta de dados de Valério (2015), os quais estão na sua tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, intitulada *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação*¹⁴. Esses dados foram aprovados pelo Comitê de Ética no Projeto 20205523.6.0000.5344 em 09 dez. 2021.

¹⁴ Acessível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5039/Patr%C3%ADcia%20da%20Silva%20Val%C3%A9rio_.pdf?sequence=1>

A opção pelo trabalho com dados já coletados se justifica pela necessidade de distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19, período em que ingressamos nos estudos do Mestrado. Optando pelo uso de dados já coletados, selecionamos dados extremamente criteriosos na sua coleta. Os dados do projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem” são compostos de narrativas cotidianas das crianças produzidas também durante a pandemia de Covid-19. Tendo em vista o quadro pandêmico e a impossibilidade de a pesquisadora aproximar-se das crianças, os dados do referido projeto foram coletados pelos familiares das crianças, a partir de vídeos, dessa forma, sem o contato direto do pesquisador com a criança. Com isso, para os fins de nossa investigação, trabalhamos com os dados gravados em vídeos e com suas transcrições, já realizadas pela equipe do projeto coordenado pela professora Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Os dados dos idosos, por sua vez, fazem parte da tese de doutorado da professora Dra. Patrícia da Silva Valério, a qual desenvolveu uma pesquisa interdisciplinar envolvendo estudos filosóficos, psicanalíticos e linguístico-enunciativos. Sabemos que a coleta de dados de Valério (2015) possui seus critérios de transcrição, dessa forma, utilizaremos os dados conforme transcritos pela autora, sem modificações. Entendemos que isso não influencia nos resultados do nosso estudo.

Dessa forma, a partir dos registros gravados em vídeo do projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”, selecionamos as narrativas já transcritas das crianças. A transcrição ocorreu de acordo com os critérios estabelecidos no próprio grupo, que correspondem a:

Quadro 2 – Normas de transcrição dos dados da criança

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO
A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19
Formato
Apresentação do contexto situacional, dos falantes, da idade da criança.
Registro da idade, com uso do nome da criança.
Alinhamento das transcrições em separado dos títulos das trilhas.
Registro com o fluxo de cada turno.
Trilhas identificadas com os nomes dos falantes, comentário e corpo.
Normas
Não se registram sinais de pontuação nem letra maiúscula em início de período.
Pausas indicativas de fechamento de período e pausas em geral são marcadas por reticências (...). Em pausas consideradas longas, repetem-se as reticências.
Entonação ascendente é marcada com letras maiúsculas.
Entonação descendente é marcada com sublinhado.
Alongamentos são marcados com repetição da letra indicativa do fonema alongado.
Silabação é marcada por separação silábica com traços entre as sílabas.
Exclamações e interrogações são marcadas com os pontos característicos.
Simultaneidade das falas é marcada com colchetes unindo os segmentos simultâneos [].
Casos de incompreensão , informar entre parênteses (INCOMPREENSÍVEL).

Fonte: Projeto *A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem*

Os dados dos idosos estão sendo usados exatamente conforme transcrição de Valério (2015), entretanto, torna-se necessário esclarecermos os procedimentos adotados pela autora por ocasião do desenvolvimento de sua pesquisa:

Quadro 3 – Normas de transcrição da fase do envelhecimento

- 1 A transcrição da fala não marca prolongamentos de vogais, nem dá destaque a uma sílaba ou palavra. Aspectos relacionados à entonação, quando a pesquisadora julgou necessário, são descritos entre parênteses, sob forma de comentários.
- 2 Pausas curtas são indicadas por reticências; pausas longas nos comentários da pesquisadora.
- 3 Falas sobrepostas são sinalizadas por colchetes [].
- 4 Toda vez que pesquisadora julgou necessário algum esclarecimento, o fez em forma de comentário entre parênteses.
- 5 Antes da apresentação dos dados - os fatos linguísticos que constituem o material de análise, a pesquisadora apresenta uma breve descrição da situação, com vistas a contextualizar o momento em que iniciou a gravação, indicando o assunto que estava sendo discutido, os participantes do diálogo e outras informações que julgou necessárias.
- 6 Quando há citações em discurso direto na fala dos participantes, o trecho correspondente será assinalado em itálico.

Fonte: Valério (2015)

Acerca do trabalho de dados já coletados, consideramos o disposto por Oliveira (2022, p. 60):

Essa relação de alteridade pode se dar também entre pesquisadores, como é o caso do nosso estudo, em que uma pesquisadora entra em diálogo com uma outra pesquisadora anterior. A pesquisadora que produziu os registros da criança e a que os estuda hoje. Tal diálogo permite a interpretação das produções da primeira pesquisadora e a recondução de um olhar que, baseia-se no repetível da pesquisa realizada, mas torna-se autoral por seu aspecto singular no presente desta reflexão. Há uma tensão constitutiva de vozes entre pesquisadoras, porém há também um excedente de visão da pesquisadora deste estudo que pode contemplar toda a materialidade da pesquisa realizada de fora. Assim, o pesquisador está sempre em tensão constitutiva com os pesquisadores anteriores.

Dessa maneira, construímos uma *relação de alteridade* com outras pesquisas. Nunca serão os mesmos dados, pois estão sendo *reatualizados* no nosso estudo, em uma nova enunciação e em um novo tempo: o presente. Conforme Diedrich (2017, p. 715), “Assim, é difícil adotar um modelo de transcrição único ou definido previamente, já que o pesquisador se depara com as singularidades de cada ato, de cada fato, o que exige uma decisão de registro sempre renovada”. Nesse sentido, quando estudamos sujeitos em fases diferentes da vida – aurora da vida e fase do envelhecimento –, a nossa proposta metodológica não é olhar para a

narrativa seguindo procedimentos de transcrição, mas sim a narrativa em sua função como prática social, portanto:

Paradoxalmente, sabemos que uma experiência na linguagem não poderá jamais ser registrada por completo, pois ela extrapola o âmbito do registro e se constitui na efemeridade do aqui e do agora de cada enunciação. **Além disso, a atividade de transcrição, sem dúvida, é altamente influenciada pelo olhar interpretativo do transcritor sobre o fato a ser transcrito, uma vez que esta etapa da investigação leva o pesquisador a uma tomada de decisões frente aos fatos.** Por essa razão, a transcrição é entendida neste artigo como um ato subjetivo, uma nova enunciação, marcada pelo agir do transcritor (DIEDRICH, 2017, p. 714 [grifos nossos]).

Tendo em vista que não pretendemos desenvolver um estudo de caso, os dados funcionam apenas como ilustração da ideia central por nós defendida neste trabalho. Assim, a transcrição é um critério de registro dos dados, e, por essa razão, buscamos deixar claro o processo que conduziu o trabalho nas duas pesquisas em que nos pautamos.

De acordo com essas colocações, nosso posicionamento como pesquisadores da constituição do indivíduo *na e pela* narrativa desenvolve-se a partir da busca por entender o papel da narrativa na vivência do falante, constatando como a língua em discurso é mobilizada em sua manifestação na narrativa. Dessa forma, são considerados dois Recortes Enunciativos – um representativo da aurora da vida e outro da fase do envelhecimento. Cada recorte enunciativo é constituído por duas narrativas: representando a aurora da vida, usou-se as narrativas dos irmãos Sophia, de 6 anos, e Theodoro, de 4 anos; e no que refere à fase do envelhecimento, foram utilizadas as narrativas do casal de idosos Bernardo e Alice, 67 anos. Na sequência, apresentamos os princípios metodológicos que conduzem nosso olhar investigativo.

4.2 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Buscamos refletir sobre a narrativa como modo de enunciar responsável pela constituição do lugar enunciativo e de dizer do falante – na aurora da vida e na fase do envelhecimento, trabalhando, dessa forma, com situações reais de uso da língua, aspecto da pesquisa que leva em consideração Minayo; Deslandes e Gomes (2009, p. 21), que afirmam que

(...) ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

A partir de uma pesquisa bibliográfica – visto que não desenvolvemos uma pesquisa em campo, mas utilizamos dados já coletados com a intenção de ilustrar nossa proposta –, objetivamos, especificamente:

I. **Investigar a complexa rede de relações espaço-temporais e designações no quadro figurativo da enunciação que determinam o modo enunciativo da narrativa – na aurora da vida e na fase do envelhecimento.** Levamos em consideração, para isso, o falante em situações reais e cotidianas, vivenciando *na* e *pela* narrativa a constituição do seu lugar enunciativo e seu lugar de dizer. Assim, considerando que Benveniste (1989, p. 82) adverte que “É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação”, pois “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é o nosso objeto”, se faz necessário levar em consideração o que afirmamos nos capítulos anteriores: *a narrativa é uma forma complexa do discurso*, que ocorre na mobilização individual da língua em discurso, compreendendo um dos *modos enunciativos*, portanto, devemos considerar o que afirma Benveniste (1989, p. 83): “Na enunciação consideramos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização”.

Nessa perspectiva, propomos analisar a complexa rede de relações espaço-temporais e designações no quadro figurativo da enunciação que o falante mobiliza na narrativa, considerando as particularidades das diferentes fases de vida estudadas. Amparamo-nos em Benveniste (1989, p. 84) e na percepção de que “A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Essa situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação”, com isso, primeiramente o falante constitui-se como *eu* da sua enunciação, evocando *tu*, instituindo, assim, os índices de pessoa. Segundo Benveniste (1989), do mesmo modo instauram-se outros índices, pois “O locutor se apropria do aparelho formal da língua e **enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro**” (BENVENISTE, 1989, p. 84 [grifos nossos]). Com isso, os índices específicos compreendem as categorias de pessoa (*eu - tu*), espaço (*aqui*) e tempo (*agora*), e os procedimentos acessórios são mobilizados em determinadas situações enunciativas, neste estudo, a partir das *designações*.

O índice de tempo precisa ser esclarecido, pois buscamos em duas fases da vida marcas de subjetividade, as quais estão estritamente ligadas à temporalidade. Para Benveniste (1989), existem tempos distintos que precisamos ser compreendidos também distintamente: o *tempo físico* – particular e variável, que depende da vida interior do indivíduo; o *tempo crônico* – que

permite *congelar*¹⁵ os acontecimentos, podendo dar referências sequenciais a eles; o *tempo vivido* – a vida em sua vivência cotidiana e que “corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum. Não reencontramos jamais nossa infância, nem o ontem, nem o instante que acaba de passar” (BENVENISTE, 1989, p. 71); e, por fim, o *tempo linguístico* – correspondendo sempre ao presente, que é o único tempo possível da enunciação. Assim, as movimentações que o indivíduo faz nos tempos passado e futuro para narrar serão sempre *reatualizados* no presente.

II. Explicitar como, na relação língua-discurso, o falante constitui seu lugar enunciativo e ocupa seu lugar de dizer numa sociedade que narra – na aurora da vida e na fase do envelhecimento. Para isso, pautamo-nos no fato de que “Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento” (BENVENISTE, 1976, p. 26), o que implica dizer que, na e pela narrativa, o indivíduo une existências, representando “[...] para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, *recria* a realidade” (BENVENISTE, 1976, p. 26). A partir disso, pensamos no falante que mobiliza a língua enquanto prática social, pois “Estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade” (BENVENISTE, 1976, p. 31). A mobilização da língua por um ato individual possibilita a construção da narrativa com suas particularidades, porém, com um mesmo objetivo, qual seja a constituição do lugar enunciativo e do lugar de dizer. Trazemos, assim, duas relações, como afirma Diedrich (2015, p. 73 [grifos nossos]), as quais se referem a:

a) **língua e discurso**, visto ser no discurso que os signos da língua, genéricos, são utilizados como palavras, assumindo sentidos particulares e circunstanciais; b) **língua e sociedade**, já que o locutor, pelo ato de enunciação, mobiliza a língua para interpretar o mundo à sua volta na relação que estabelece, via linguagem, com esse mundo e com o outro da enunciação [...]

A partir desses objetivos, convocamos procedimentos metodológicos correspondentes, cumprindo com a perspectiva de Prodanov e Freitas (2013, p. 14):

A Metodologia é compreendida como uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica. A Metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação.

¹⁵ Termo utilizado por Benveniste (1989, p. 71) quando refere que “[...] o tempo crônico, congelado na história, admite uma consideração bidirecional, enquanto que nossa vida vivida corre (é a imagem recebida) num único sentido.

Dessa forma, nossa pesquisa define-se a partir de alguns critérios metodológicos. Tendo em vista a não aplicação prática do conhecimento, mas sim a geração de novas propostas científicas, do ponto de vista de sua natureza, a nossa pesquisa caracteriza-se por ser uma pesquisa básica. A partir de situações reais em que o indivíduo narra e sem a interferência do pesquisador na manipulação dos dados, partimos, do ponto de vista do objetivo, de uma pesquisa descritiva. O uso de dados prevê, segundo Prodanov e Freitas (2013), um *delineamento*, e, nesta pesquisa, consideramos “aqueles que se valem das chamadas fontes de papel” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54), assim, consideramos nossa pesquisa como bibliográfica, desenvolvida com uma abordagem qualitativa a partir de um método observacional e monográfico.

Justificamos que o uso da expressão recorte enunciativo toma por base a definição proposta por Silva (2009, p. 219), que o apresenta como “o espaço de discurso em que determinado tema é referido e co-referido na alocação”. Apesar de Valério (2015) utilizar a expressão fato enunciativo, o conceito de recorte enunciativo será usado também na narrativa do idoso, tendo em vista o objetivo da nossa pesquisa.

Entendemos que o aparelho formal da enunciação envolve a mobilização da língua como um todo e não categorias definidas *a priori*. Assim, assumimos princípios de análise que conduzem o trabalho de análise dos dados, conforme quadro a seguir.

Quadro 4 – Princípios de análise

Constituição do lugar enunciativo: relação da criança e do idoso com a língua-discurso	As relações espaço-temporais no quadro figurativo da enunciação.
	Particularidades das designações/vocabulário.
Constituição do lugar de dizer: a narrativa enquanto prática humana da língua	Relações inter-humanas do discurso: a emissão da narrativa e a percepção desta pelo <i>outro</i> .
	Atualização do acontecimento <i>na e pela</i> narrativa.

Fonte: A autora (2023)

A partir disso, entendemos que na e pela narrativa o indivíduo constitui seu lugar enunciativo na relação da criança e do idoso com a língua-discurso, dessa forma, mobilizando no quadro figurativo da enunciação as relações espaço-temporais que compreendem os *índices específicos* e os *procedimentos acessórios*. Estes não são exaustivamente problematizados neste estudo e referem-se às *designações/fatos de vocabulário*. Essas relações da língua-discurso compreendem importantes reflexões que permitem observar o uso real da língua para narrar. Concomitantemente, definimos a constituição do lugar de dizer: a narrativa no escopo da prática

humana da língua, o que conduz a reflexão acerca das relações inter-humanas do discurso, das relações de emissão e percepção da narrativa; da atualização do acontecimento. Com essa concepção, compreendemos que nossos princípios de análise levam a reflexões que partem primeiramente da constituição do lugar enunciativo e por consequência possibilitam a ocupação do lugar de dizer.

Com os princípios metodológicos estruturados e os princípios de análise definidos, desenvolveremos, no próximo capítulo, a análise dos dados a partir da narrativa na perspectiva enunciativa. Para isso, consideramos a seguinte organização do capítulo: Constituição do lugar enunciativo, na análise das relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação (índices de pessoa, espaço e tempo e designações); Constituição do lugar de dizer: a narrativa enquanto prática humana da língua, subdividindo-se em relações inter-humanas: a emissão da narrativa e a percepção desta pelo outro e atualização do acontecimento *na e pela* narrativa.

5 ANÁLISE

Nossa proposta metodológica segue a perspectiva enunciativa benvenistiana, analisando as narrativas como um *modo enunciativo*, considerando a constituição do lugar enunciativo: relações espaço-temporais e as *designações*; lugar de dizer: as relações inter-humanas e a atualização do acontecimento. Para cumprir com esses princípios, as narrativas são analisadas e interpretadas utilizando a técnica de análise descritiva, com duas crianças, que são irmãs, compreendendo a idades de três anos e quatro meses e seis anos, e de um casal de idosos de sessenta e sete anos.

No nosso estudo, derivamos da perspectiva enunciativa a ideia segundo a qual a narrativa é um *modo enunciativo*, o qual permite ao falante assumir seu lugar enunciativo no quadro figurativo da enunciação, via relações espaço-temporais e procedimentos acessórios; e a ocupação do seu lugar de dizer, via prática humana da língua. Com isso, na pesquisa que desenvolvemos, partimos das narrativas que não são as narrativas contextualizadas em livros literários, mas as narrativas cotidianas, produzidas na relação *eu-tu no aqui e agora*.

A partir disso, o quadro a seguir compreende o recorte enunciativo representativo da aurora da vida, que, tal como informado anteriormente, faz parte dos dados do projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”. Esclarecemos que Sophia e Theodoro são irmãos e no contexto apresentado brincam juntos, conforme apresentado na descrição da situação.

Quadro 5 – Recorte enunciativo aurora da vida

Situação: Theodoro, 3 anos e 4 meses, e Sophia, 6 anos e 10 meses, brincam que é a hora de almoçar. Sophia faz o papel da mãe e Théo de seu filho. Sophia está cozinhando e servindo os dinossauros com a ajuda de Théo.	
Sophia	avise seus irmãos que o almoço já tá quase pronto
Comentário	Sophia vai até a cozinha da brincadeira, enquanto Théo avisa os dinossauros.
Theodoro	o almoço já tá quase pronto
Sophia	eu trouxe o seu prato
Corpo	Theodoro imita sons de mastigação
Sophia	agora quem que vai comer as rodela de carne cenoura e mais carne?
Theodoro	eles tão comendo tudo junto
Sophia	e você indoré ... indoraptor vai comer esse porque está em fase de crescimento... trazer uma garrafa de água
Theodoro	e esse? amor... esse esse é o biscoito pra depois do almoço
Sophia	filhO!
Theodoro	o quê?
Sophia	olha eu vou fazer ali e você pode ir se preparando lá porque eu vou trazer o seu prato ... vou trazer para seus irmãos

Theodoro	vou sentar aqui ... prato prato prato ... pra mim almoçar também
Mãe	você vai almoçar também?
Theodoro	vOU almoçar também tá Sophia?
Sophia	eu trouxe o prato do indoraptor também ... que é uma bananinha
Comentário	Cadeira sendo arrastada por Théo para colocar na mesa.
Sophia	agora eu vou trazer o prato pra VOcê meu filho
Corpo	Theodoro está subindo na cadeira para sentar
Mãe	eu acho que você pega ... filho ... Théo ... eu acho que você pega o banquinho porque nessa cadeira você vai ficar muito alto ... vai cair
Theodoro	eu não vou ... não vou cair
Mãe	será?
Theodoro	não
Sophia	eu vou pegar pra você
Corpo	Theodoro está sentado na cadeira e movimentando-se
Theodoro	essa cadeira tá sem ... sem
Sophia	UM moranguinho
corpo	Theodoro desce da cadeira e mostra o assento que sai do lugar
Theodoro	eu não vou cair
Sophia	filho eu vou botar um moranguinho pra você comer
Theodoro	eu Sophia
Sophia	ei você também precisa comer para crescer
Corpo	Sophia vai até o dinossauro que está na mesa
Sophia	agora eu vou trazer copinhos
Theodoro	SOPhia ... o MUSassaUro não pode COMer ... ele tem que tomar su-QUInho
Corpo	Theodoro sobe novamente na cadeira.
Sophia	agora eu vou botar aguinha
Comentário	Sophia faz de conta que coloca água nos copos, fazendo os sons de água e arruma um dinossauro na mesa.
Theodoro	o que o (INCOMPREENSÍVEL) vai fazer?
Comentário	O dinossauro que Sophia arrumou cai da mesa e Theodoro ri enquanto Sophia arruma ele novamente.
Sophia	bebe água filho
Corpo	pega o dinossauro enquanto dá água para ele em copo
Sophia	bebe um pouquinho de água pronto
Theodoro	O FILHO TÁ COMENDO MAS NÃO TÁ BEBendo
Sophia	agora você
Corpo	Sophia dá água para o outro dinossauro
Theodoro	ele SÓ tá COMendo mãe
Corpo	Sophia vai até o dinossauro que Theodoro falou e dá água para ele
Sophia	pode beber
Theodoro	Indominus bonitinho
Corpo	Theodoro faz carinho no dinossauro
Theodoro	(INCOMPREENSÍVEL) bonitinho
Sophia	agora vocês agora você filho
Comentário	Sophia vai dar água para Theo, porém ele não quer que ela faça isso.
Theodoro	Eu SEi Tomar
Sophia	tá bom

Mãe	sabe tomar sozinho já?
Theodoro	já tomei ele já tomou?
Comentário	Enquanto Theodoro bebe água, Sophia alimenta os dinossauros.
Sophia	você já comeeu tudo

Fonte: A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem

O próximo recorte enunciativo compreende a fase do envelhecimento¹⁶. A situação da narrativa não está descrita no quadro, mas sim na tese de Valério (2015), dessa forma, esclarecemos que os idosos ALI e BER estão na sala de casa conversando e tomando chimarrão com os demais falantes: genro PED e filha ANT. Em certo momento, PED elogiou a erva, fazendo com que BER começasse a contar sobre o trabalho que fazia na infância, resultando nos registros do quadro a seguir:

Quadro 6 – Recorte enunciativo fase do envelhecimento

1	BER: estava contando que nos anos 53, 54...ali... naquele tempo a gente tinha que... se virar pra
2	comer...pra família lá...a mãe...a gente... meu pai tinha bastante coisa, mas o M. (refere-se
3	ao irmão mais velho) foi botando fora tudo as coisas do meu pai...e aí pra gente sobreviver
4	tinha que... qualquer serviço que tinha, tinha que...
5	ANT: mas quantos anos tu tinha?
6	BER: eu tinha uns 8, 9 anos por aí...
7	ALI: [53, 54... 6 anos] (fala sozinha... ninguém responde)
8	BER: [eu tinha uns 8, 9 anos] por aí, mais ou menos...
9	ANT: desgalhava árvore?
10	BER: ännh? desgalhava árvore... cada um com um facão subia lá em cima naqueles pé... hoje
11	[não tem mais quase aquelas]...do tamanho daqueles pé de erva que tinha
12	ALI: [eram mais altas né?] (pausa...ninguém responde) não?
13	BER: e nós dê-lhe façãoço lá, e dê-lhe cair galho de árvore pra baixo e a mãe quebrava... sim...
14	aí vinha a C. ajudar, a G., o V. (refere-se aos irmãos) né... um pouco era eu um pouco era o V. lá 15 cortando
15	lá...e fazia aqueles fardo de... de... erva e era tudo amarrado com taquara ainda...
16	PED: eles chamavam lá em G. de raito
17	BER: é...raito de erva...
18	PED: raito de erva é isso mesmo
19	ANT: o que é raito?
20	PED: raito é...
21	BER: é um fardo de.. de erva amarrada com taquara...quebrava as taquara e amarrava ali as
22	taquaras e fazia aqueles...pro pro caminhão carregar... pra poder carregar
23	PED: era um fardo que punha no caminhão, vendia solta
24	ANT: tá, mas aí vendia os galhos?
25	BER: [vendia a erval... e a gente ganhava por arroba.
26	ALI: [vendia o fardo] (ninguém dá continuidade, continuam ignorando a fala dela)
27	PED: vendia por peso.
28	BER: naquele tempo por exemplo... hoje também a mesma coisa...uma arroba é quinze quilo,
29	né, aí pesava os fardo lá, ...o cara no carregar já pesava os fardo... por exemplo ...tu fazia lá
30	100 arroba e já pagava no dinheiro ali... pra... é ...
31	(pausa... enquanto toma chimarrão)

Fonte: Valério (2015)

¹⁶ A escolha do recorte foi motivada pela relação discursiva entre os falantes, na qual existe a construção da narrativa pela coletividade.

Em nossas análises, partimos da concepção de que a narrativa é um *modo enunciativo*, o qual permite ao falante assumir seu lugar enunciativo no quadro figurativo da enunciação, via relações espaço-temporais e procedimentos acessórios; e, por assumir esse lugar enunciativo, o falante, na prática humana da língua, assume seu lugar de dizer na sociedade. Assim, compreendemos que a narrativa é construída na relação com o *outro*, com isso, estabelecemos que cada recorte enunciativo compreende uma narrativa para análise, totalizando dois recortes enunciativos compostos por uma narrativa em cada um deles.

Dessa forma, objetivamos refletir sobre a narrativa como modo de enunciar responsável pela constituição do lugar enunciativo e de dizer do falante, na aurora da vida e na fase do envelhecimento. Perseguindo esse objetivo geral, também pretendemos investigar a complexa rede de relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação que determinam o modo enunciativo da narrativa e explicitar como, na relação língua-discurso, o falante constitui seu lugar enunciativo e ocupa seu lugar de dizer numa sociedade que narra, a partir dos princípios definidos no capítulo anterior, compreendendo: *Constituição do lugar enunciativo*, na relação da criança e do idoso com a língua-discurso, observando as relações espaço-temporais, que compreendem a mobilização dos *índices específicos* no quadro figurativo da enunciação, estabelecendo os índices de pessoa, espaço e tempo a partir da relação eu/tu; e os *procedimentos acessórios*, que estão relacionados com a singularidade de cada enunciação, considerando a análise das *designações*. Por fim, a *Constituição do lugar de dizer*, em uma concepção de narrativa enquanto prática humana da língua, na observação das relações inter-humanas, sendo a emissão da narrativa e a percepção desta pelo outro; e a *atualização do acontecimento*. De acordo com isso, a organização do capítulo compreende, em cada subseção, primeiramente a análise do recorte enunciativo da aurora da vida e em seguida da fase do envelhecimento.

5.1 CONSTITUIÇÃO DO LUGAR ENUNCIATIVO

Nesta seção, procuramos analisar a constituição do lugar enunciativo do falante *na* e *pela* narrativa. Estabelecemos, nos capítulos anteriores, que a mobilização da língua em discurso relaciona uma complexa rede de relações espaço-temporais e designações no quadro figurativo da enunciação que constituem um modo enunciativo – a narrativa. Com isso, entendemos que *na* e *pela* narrativa o falante constitui-se enquanto *eu* da sua enunciação e isso é possível na mobilização da língua em discurso. Portanto, a língua-discurso, a partir das relações espaço-temporais e das designações no quadro figurativo da enunciação, permite ao

falante fazer referências a partir de si – do seu lugar enunciativo. Propomo-nos, desse modo, a proceder à análise das relações espaço-temporais, que compreendem a mobilização dos *índices específicos* no quadro figurativo da enunciação, e, assim, estabelecermos os índices de pessoa, espaço e tempo a partir da relação eu/tu. Já os *procedimentos acessórios*, que estão relacionados com a singularidade de cada enunciação, serão considerados a partir das *designações/fatos de vocabulário*.

5.1.1 As relações espaço-temporais no quadro figurativo da enunciação: os índices específicos

Sendo a narrativa um dos *modos enunciativos*, o falante mobiliza a língua em um ato individual para narrar, dessa forma, constitui-se como *eu* e evoca o *outro* diante de si, pois:

O ato de individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. **A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação.** (BENVENISTE, 1989, p. 84 [grifos nossos])

Evidencia-se, assim, que *na* e *pela* narrativa os índices *específicos* no quadro figurativo da enunciação fornecem-nos a possibilidade do estudo da constituição do lugar enunciativo. Dessa forma, esta seção subdivide-se na análise dos índices de pessoa, espaço e tempo/formas temporais.

5.1.1.1 Índices de pessoa

Ao se tratar da referência que o locutor constitui a partir da sua presença na enunciação, observamos, no recorte 1, a criança na busca pelo *centro de referência interno*, entretanto, com a necessidade de externalizar na narrativa. Isso fica evidente na recorrência do uso do pronome *eu* em diversos momentos. Isso pode ser percebido nas narrativas de Sophia, nas linhas 4, 12, 16, 18, 24, 30, 34 e 37, e nas de Theodoro, nas linhas 21, 29, 31 e 55. Essas marcas mostram a busca, na aurora da vida, pela constituição do lugar enunciativo. Sabemos que o índice de pessoa *eu* é constituído a cada enunciação, toda vez que o falante propõe-se como sujeito, sem a necessidade de enunciar o pronome na narrativa, entretanto, no uso do índice de pessoa *eu* marcado no discurso, a criança marca seu lugar na enunciação, dessa forma, fazendo referência a partir de si.

Na narrativa de Sophia e Theodoro, observamos também que “desde que ele [locutor] se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro” (BENVENISTE, 1989, p. 84 [grifos nossos]). Sophia e Theodoro brincam que estão almoçando com os dinossauros, os quais são evocados, muitas vezes, como *tu*, ou seja, Sophia e Theodoro narram para os dinossauros; já em outros momentos como *ele*, o que encontra explicação em Benveniste (1989, p. 87 [grifos do autor]), que destaca que “O que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”.

No recorte enunciativo 1, também percebemos a relação com o *tu* coletivo, visto que se trata de uma narrativa constituída a partir da interação das duas crianças e dos dinossauros, e os dinossauros, nesse contexto, deixam de ser apenas brinquedos e se constituem, muitas vezes, como o *outro* da enunciação. Essa relação dos dinossauros como o *outro* fica evidente: nas linhas 1 e 12, em que Sophia (*eu*) enuncia para Theodoro (*tu*) em relação aos “irmãos”, que são os dinossauros (*eles* da enunciação); e na linha 4, em que Sophia entrega o prato para Theodoro, em uma relação entre *eu* e *tu*, visto que a referência (*ele*) no diálogo é o prato de Theodoro, e não dos dinossauros. Theodoro reconhece-se como *tu* da alocução, pois imita os sons de mastigação. Essa mesma relação ocorre na linha 16, porém de modo diferente: Sophia (*eu*) enuncia para o dinossauro (*tu*). Já na linha 6, em que Sophia (*eu*) questiona quem irá comer as rodelas de carne, e na linha 53, na qual Sophia (*eu*) diz que é hora de “vocês” comerem, demonstrando que, na sua enunciação, o *tu* é a coletividade de membros com os quais está brincando, podendo ser Theodoro e/ou os dinossauros.

Além disso, percebemos que a subjetividade da criança é constituída na relação com o *outro*, seja ele real ou imaginário, pois é a constituição do falante enquanto *eu*, a partir da mobilização dos índices de pessoa e dos demais indicadores de subjetividade que lhe permitem estar na língua-discurso e narrar os acontecimentos.

Em relação à narrativa do idoso, notamos que não existe a marcação do *eu* externalizada na narrativa, apenas aparecem em alguns momentos específicos. Nas linhas 1, 2 e 3, BER, ao referir-se às coisas que faziam no passado, utiliza “a gente”, fazendo referência a si mesmo e aos *outros* que fizeram parte de seu acontecimento narrativo. Em consonância com as afirmações da aurora da vida, BER também utiliza o pronome *eu*, para fazer referências a partir do seu lugar enunciativo, isso fica visível nas linhas 6 e 8, em que o idoso narra sobre a idade que ele tinha.

Notamos, no recorte enunciativo da fase do envelhecimento, a constituição do *eu* em relação a *tu* e *ele*. Apesar de ser uma situação com vários falantes: BER, ALI, ANT e PED, a

narrativa de BER constitui-se como centro de referência aos outros participantes, constituindo relações de: BER (*eu*) e os demais falantes (*tu*), pois o idoso narra para todos os envolvidos no contexto; ANT (*eu*) e BER (*tu*), sendo que ANT dirige apenas perguntas ao idoso, nas linhas 5, 9, 19 e 24 (em que participa), entretanto, na relação PED (*eu*) e BER (*tu*), PED busca na sua experiência na linguagem complementar a narrativa de BER, isso fica evidente nas linhas 16, 18, 20, 23 e 27. Percebemos a relação dialógica entre os falantes ANT, PED e BER, todavia, a idosa ALI procura participar da narrativa de BER, porém, sem ser reconhecida na relação *eu-tu*. Isso fica explícito quando ela complementa a narrativa de BER nas linhas 7 e 26, tendo em vista que possivelmente ela também vivenciou os fatos. Percebe-se que ALI interroga BER sobre a altura das árvores na linha 12, mas em nenhuma das vezes é reconhecida por BER ou pelos demais falantes do contexto. O não reconhecimento de ALI entre os falantes fica evidente no momento em que os outros participantes da narrativa não respondem à idosa, nem mesmo consideram sua narrativa parte do contexto, dessa forma, é como se a narrativa de ALI não tivesse sido emitida.

Com isso, podemos concluir que a criança, na aurora da vida, constantemente externaliza o pronome eu para marcar seu lugar na narrativa e então fazer referências a partir de si. Entendemos, neste estudo, que a marcação do pronome *eu* na narrativa é uma característica da aurora da vida, na busca pelas primeiras possibilidades para constituir seu lugar enunciativo, tendo em vista que o adulto possibilitou esse lugar à criança nos primeiros anos de vida, porém não é uma marca indispensável para o falante constituir seu lugar.

Na fase do envelhecimento, observamos que o idoso quase não faz essa mobilização, e quando o faz limita-se a alguns momentos ou contextos específicos. Além disso, pudemos compreender a relação do locutor com o *outro*, sendo que na aurora da vida Sophia e Theodoro reconhecem-se pelos próprios nomes ou mesmo pelos personagens por eles retratados (mãe e filhos), constituindo, em todos os momentos, relações discursivas com o parceiro. Já na fase do envelhecimento, em determinado momento, não aconteceu a relação discursiva com o parceiro, constituindo o diálogo. Entretanto, em ambas as fases da vida, percebemos a relação do *eu* com o *tu*, seja ele real ou imaginado.

5.1.1.2 Índices de ostensão – de espaço

Os índices de ostensão permitem que o falante *na* e *pela* narrativa constitua referências a partir do seu lugar enunciativo e em relação à sociedade, ou seja, ocupe seu lugar de dizer. Para Benveniste (1989), os índices de ostensão (*este* e *aqui*) são numerosos e “implicam um

gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (BENVENISTE, 1989, p. 85).

Dessa forma, destacamos na narrativa na aurora da vida a mobilização de três índices de ostensão distintos. Na linha 12, observamos que Sophia mobiliza os índices “ali”, compreendendo o espaço em que ela vai fazer o almoço, e “lá” indicando aonde Theodoro devia ir. Na análise, ainda podemos considerar que Sophia, através do índice específico de espaço, afeta a narrativa de Theodoro, possibilitando a sequência da narrativa, pois Theodoro deverá ir “lá” enquanto ela vai “ali”, sendo uma nova narrativa a partir desse espaço que Sophia constituiu.

Na linha 13, analisamos que Theodoro constitui sua relação com o outro a partir do índice “aqui”, o qual lhe permite o seu lugar na brincadeira, pois ao afirmar que sentará “aqui” para almoçar, sugere que faz parte do contexto da brincadeira e posteriormente almoçará. Notamos, novamente, os índices específicos de espaço em relação à narrativa do *outro*, tendo em vista que, ao constituir seu lugar “aqui”, Sophia passará a considerar esse aspecto. Com isso, as relações de espaço criam referências para o *eu* constituir seu lugar enunciativo.

Benveniste (1989) considera que os índices de ostensão são pronunciados no mesmo momento em que designam um objeto, observamos essa colocação na linha 26, quando Theodoro narra sobre a cadeira, afirmando que “essa” (cadeira) está sem algo, e na linha 9, quando narra que “esse” (biscoito) é para depois do almoço. Dessa forma, marca seu lugar no espaço em relação ao objeto cadeira e biscoito, os quais, muito mais do que estarem presentes na cena física, ocupam lugar também na narrativa mobilizada na língua em discurso.

Os usos dos índices de espaço também são percebidos na fase do envelhecimento. Observamos BER utilizando o índice “ali” em diferentes momentos, porém, todos são utilizados *na e pela* narrativa na busca pela constituição de referências a partir do seu lugar enunciativo. Na linha 1, BER conta sobre como eram as coisas nos anos 53/54 e para isso utiliza as mobilizações do índice “ali” para deslocar-se no tempo a partir do presente enunciativo, retomando um acontecimento, marcando sua narrativa em um lugar passado, diferentemente do que ocorre na linha 21, em que o índice expressa o lugar onde era amarrado o fardo, sendo duas situações diferentes, porém constituídas a partir de um *eu* que faz referências pela enunciação.

Na narrativa de BER, é possível observar a mobilização constante do índice “lá”. Isso é percebido em duas concepções diferentes: nas linhas 10, 13, 14, 15 e 16, a mobilização indica lugar, compreendendo em cima da árvore, nas árvores, cortando as árvores, localidade (em G.), entretanto, o mesmo índice, na linha 29, repetido duas vezes, faz referência a um lugar no

tempo, marcando a partir do presente, um lugar do passado no qual os fatos narrados têm existência.

Nas linhas 10, 11 e 22, encontramos os índices “naqueles”, “aquelas”, “daqueles” e “aqueles”, compreendendo pronomes demonstrativos. Para Benveniste (1989), esses índices mostram-nos algumas considerações importantes. Em tese, os índices de ostensão indicam um objeto no mesmo momento em que são pronunciados, entretanto, na narrativa da fase do envelhecimento, passam a indicar um objeto ou lugar do tempo passado localizados na memória via mobilização da língua em discurso. Observa-se que ambos os índices fazem referência às árvores que existiam antigamente, não compreendendo um objeto físico existente no contexto da narrativa, mas, sim, presente no simbólico da linguagem, *retomando, na e pela* narrativa, a partir do seu lugar enunciativo, um acontecimento em que aquelas árvores existiam. A mobilização não se refere a algo no momento da fala, mas à *reatualização* de um momento no passado em que os valores dos cortes das árvores eram pagos.

Percebemos, que *na e pela* narrativa na aurora da vida e na fase do envelhecimento, a mobilização de um mesmo índice pode relacionar espaço e tempo, possibilitando que o falante constitua seu lugar enunciativo. A partir disso, observamos que a criança não fez deslocamento no tempo passado, o que ela fez foi marcar o presente e traçar deslocamentos para o futuro. Já na fase do envelhecimento, toda a narrativa foi constituída sobre acontecimentos do passado.

5.1.1.3 Índices de tempo – Formas temporais

Os índices de tempo ou formas temporais são a maior demonstração da subjetividade do falante, pois, de acordo com Benveniste (1989, p. 85), “Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, *na e pela* enunciação”. Dito de outro modo, é produzida *na e pela* narrativa, visto que consideramos ela como um *modo enunciativo*. Assim, tanto na aurora da vida quanto na fase do envelhecimento, o falante, no *aqui e agora*, *reatualiza, reconta e ressignifica* acontecimentos, pois “O presente é propriamente a origem do tempo” (BENVENISTE, 1989, p. 85).

Para inserirem suas narrativas no *aqui e agora*, percebemos, nos dois recortes enunciativos, o falante mobilizando, a partir do seu lugar enunciativo, marcadores de temporalidade. A partir desses marcadores na narrativa, os falantes constituem referências no seu lugar enunciativo para que possam deslocar o acontecimento passado para *revivê-lo* no único tempo possível – o presente –, tornando-o uma nova experiência, tendo em vista que “O

homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 85).

No recorte enunciativo 1 – aurora da vida, observamos Sophia mobilizando o marcador “agora” nas linhas 34, 37, 45 e 53, o que permite que, a partir do seu lugar enunciativo, a criança faça referências temporais *na* sua narrativa. O índice “agora” permite que Sophia organize *pela* narrativa seu lugar no presente enunciativo. O lugar enunciativo permitindo que a criança faça referências a partir de si também é percebido compreendendo deslocamentos para as ações futuras: na linha 09, na qual Theodoro narra que o biscoito será apenas para “depois” do almoço, e na linha 12, quando Sophia pede para irem se preparando para a refeição. Theodoro, na linha 58, e Sophia, na linha 60, deslocam, a partir do seu lugar enunciativo, a narrativa de acontecimentos passados. Com isso, percebemos que o lugar enunciativo, na mobilização das formas temporais, permite que a criança faça referências e deslocamentos temporais a partir do presente enunciativo.

Da mesma forma, observamos a temporalidade na narrativa na fase do envelhecimento. De acordo com Benveniste (1989, p. 85):

O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir desse presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos "tempo"; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não é mais.

Na narrativa da fase do envelhecimento, BER utiliza a expressão “naquele tempo”, nas linhas 1 e 28, nas quais conta sobre como era o passado. Essa marcação temporal mostra que, para *recontar* o acontecimento, o idoso precisa situá-lo a partir do seu lugar enunciativo no presente. O mesmo acontece nas linhas 6, 7 e 8, nas quais BER e ALI situam o acontecimento no tempo crônico (marcado no recorte enunciativo pelos “anos 53, 54” e “8, 9 anos”), e buscam “transportar sua visão temporal para lá dos limites enunciados por ‘ontem’ e ‘amanhã’, o discurso sai de seu plano próprio e utiliza gradação de tempo crônico, e antes de tudo a enumeração das unidades” (BENVENISTE, 1989, p. 79 [grifos do autor]). Nesse cenário, BER e ALI utilizam a *enumeração das unidades* para situarem-se no tempo.

Com isso, em uma observação da análise dos dois recortes enunciativos, percebemos, primeiramente, que, na aurora da vida, Sophia e Theodoro *reatualizam* um acontecimento de acordo com as suas experiências na linguagem, *recriando* e *ressignificando* o fato. Percebemos que as duas crianças, a partir do simbólico da linguagem, mobilizam personagens imaginários

e assumem os papéis de mãe e pai da narrativa. Sophia e Theodoro, *na e pela* narrativa recriam, no *aqui e agora*. Entretanto, no recorte enunciativo da fase do envelhecimento, percebemos BER e ALI recontando um acontecimento da forma mais próxima à realidade possivelmente vivida no passado. Esse percurso de voltar ao tempo passado só é possível a partir do lugar enunciativo constituído no presente da enunciação.

5.1.2 Procedimentos acessórios: as designações

Nesta seção, analisamos as especificidades das designações como referências na constituição do lugar enunciativo na aurora da vida e na fase do envelhecimento. As *designações* ou *fatos de vocabulário*, conforme Benveniste (1989), consistem no semantismo social, ou seja, são esses *fatos de vocabulário* que conservam características da organização social. Para Benveniste (1989), as designações são parte do social, por isso, são um belo elemento para identificarmos um caráter histórico, assim, definimos que a análise das designações será marcada pela observação dos fatos de vocabulário que uma fase da vida se apropria e a outra não.

As *designações* fazem parte do *modo enunciativo* narrativa, fornecendo-nos contribuições para perceber a mobilização da língua em discurso e entender a constituição do lugar enunciativo. Nesta seção, abrem-se caminhos para entender a narrativa enquanto a prática humana da língua, na constituição do lugar de enunciativo do falante na sociedade. Para Benveniste (1989, p. 100), “O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram”.

Com isso, percebemos que criança e idoso mobilizam *designações* diferentes *na e pela* narrativa. As *designações* percebidas na análise dos recortes enunciativos permitem-nos entender a organização social nessas duas fases da vida, percebendo a relação que esses falantes têm com a língua enquanto prática humana, porém, levando em consideração o seu lugar enunciativo como referência para o uso particular da língua em discurso.

Dessa forma, na aurora da vida, percebemos que Sophia e Theodoro narram utilizando o grau diminutivo das palavras, isso fica explícito nas linhas 16: bananinha; 27 e 30: moranguinho; 34: copinhos; 35: suquinho; 37: aguinha; 43: pouquinho; 50 e 52: bonitinho. As crianças poderiam ter mobilizado essas *designações* em seu grau normal, entretanto, essa perspectiva abre espaço para que Sophia e Theodoro se constituam enquanto *eu* da sua narrativa, ou seja, seu lugar enunciativo possibilita que elas mobilizem as *designações* a partir

da sua experiência na linguagem. Nessa concepção, a narrativa que reflete um acontecimento: o almoço em família, sendo que é *ressignificado* no momento em que, na brincadeira, Sophia faz a narrativa do “personagem mãe” e Theodoro do “personagem filho”. Percebemos que não é a reprodução do que foi falado em algum momento, mas a *ressignificação* do fato *na e pela* narrativa. Percebemos Sophia e Theodoro não alteram a língua enquanto sistema, pois isso não seria possível, mas, conforme Benveniste (1989, p. 96), “É que se a diversificação constante, crescente das atividades sociais, das necessidades, das noções, exige designações sempre novas”, assim, criam novas *designações*, levando em consideração o contexto da narrativa.

Na mesma perspectiva, a fase do envelhecimento também possui *designações* que mostram o falante narrando a partir do seu lugar enunciativo para constituir seu lugar de dizer na sociedade, isso é percebido na narrativa de BER, nas linhas 13 (façanhaço), 17 (raíto) e 25 (arroba). Apesar de serem *designações* ainda utilizadas, elas demonstram a especificidade de uma determinada sociedade. Deprendemos isso do fato de ANT não saber o significado de raíto, enquanto BER e PED tentam explicar a ela.

Dessa forma, as observações vão ao encontro do que afirma Benveniste (1989, p. 100) quando destaca que “O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram”.

5.2 CONSTITUIÇÃO DO LUGAR DE DIZER

Nesta seção, propomos a análise da constituição *na e pela* narrativa do lugar de dizer do falante na sociedade. Conforme definição teórica apresentada nos capítulos anteriores, propomos a narrativa como a prática humana da língua, com isso, entendemos que a mobilização da língua em discurso relaciona uma complexa rede de relações espaço-temporais e designações no quadro figurativo da enunciação, compreendendo os *índices específicos* e os *procedimentos acessórios* que permitem ao falante constituir seu lugar enunciativo. A narrativa é, portanto, um *modo enunciativo* no qual o falante propõe-se como *eu* da sua enunciação. Sabendo que o *eu* somente existe em relação ao *tu*, a narrativa configura-se, então, como uma prática humana, na relação do falante com o *outro* – sociedade. Essa relação do *eu* com o *outro* somente é possível a partir do lugar enunciativo, pois o falante precisa fazer referências a partir de si, de acordo com sua experiência na linguagem, pois “O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Com essa concepção, percebemos que para ter seu

lugar na sociedade o falante precisa ocupar um espaço de fala que somente é possível a partir do *outro* que se reconhece enquanto *tu*. Nessa relação dialógica é que o falante pode constituir seu lugar de dizer na sociedade.

Dessa forma, analisamos a narrativa enquanto prática humana da língua, estabelecendo como princípios: A emissão da narrativa e a percepção desta pelo outro – relações inter-humanas; a atualização do acontecimento *na e pela* narrativa – *ressignificar e recontar*.

5.2.1 Relações inter-humanas: a emissão da narrativa e a percepção desta pelo outro

Inicialmente, consideramos que a narrativa é um *modo enunciativo* da prática humana da língua, no qual o lugar enunciativo somente é possível na constituição do *eu* em relação a *tu*. Nesse sentido, percebemos são os adultos que reconhecem os balbucios proferidos pelos pequenos na aurora da vida. Assim, quem reconhece esse dizer é o adulto e essa percepção está presente também na fase do envelhecimento, pois consideramos, conforme Benveniste (1989), que a narrativa é a *sucessão de ruídozinhos vocais*, que são emitidos e percebidos. Essa constatação faz-nos pensar na narrativa enquanto prática humana da língua, de um falante em relação a sociedade. A partir disso, entendemos que o lugar enunciativo permite ao falante fazer referências a partir da sua experiência na linguagem, mas isso não lhe garante o lugar de dizer na sociedade, visto que a narrativa é emitida pelo *eu*, mas também precisa ser percebida pelo *outro*.

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocução daquele que por sua vez de designa por eu (Benveniste, 1976, p. 286 [grifos do autor]).

Dessa forma, observamos no recorte enunciativo da aurora da vida a *condição de diálogo na e pela* narrativa, em uma troca entre Theodoro e Sophia. Nessa relação, os dois irmãos assumem personagens para narrar, Theodoro é o filho e Sophia é a mãe, e os dinossauros são, por eles, considerados como filhos. Para Benveniste (1989, p. 87 [grifos do autor]), “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”, dessa forma, os dinossauros assumem diferentes lugares: *parceiro imaginado, parceiro individual e parceiro coletivo*.

O parceiro imaginado é percebido nas linhas 44 e 47, quando Theodoro avisa Sophia que o dinossauro só está comendo e não está bebendo (acontecimento oriundo da sua

imaginação, uma vez que o dinossauro de brinquedo não teria possibilidade de fazer isso). O *parceiro individual*, por sua vez, é percebido nas linhas 8 e 32, quando o dinossauro assume a posição de *tu*, pois Sophia avisa o pequeno animal que ele precisa comer para crescer. E, por fim, a presença do parceiro coletivo pode ser percebida na linha 6, na qual Sophia pergunta quem vai comer as rodela de carne, sendo que a pergunta foi destinada tanto a Theodoro quanto aos dinossauros, pois ambos são seus filhos na brincadeira.

Ainda no que refere ao recorte enunciativo, amparamo-nos na perspectiva benvenistiana de que “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita dele uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 90). Nesse sentido, ao olharmos para as narrativas concernentes à aurora da vida, percebemos que, na linha 34, a narrativa de Theodoro tem o propósito de avisar que o dinossauro não está bebendo. Ao fazer isso, o menino direciona-se à irmã chamando-a de Sophia, mas não obtém uma resposta, portanto, na linha 44, ele muda seu posicionamento e dá o mesmo aviso novamente, dessa vez chamando o dinossauro de filho, mas ainda sem ser percebido por Sophia. Então, Theodoro mobiliza o termo “mãe” (linha 47), tendo em vista que, na brincadeira, a irmã Sophia é sua mãe. Nessa mobilização do termo mãe, Sophia reconhece-se enquanto *tu* da narrativa de Theodoro, como é percebido nas linhas 48 e 49. Percebemos, com isso, que a narrativa enquanto um *modo enunciativo* é mobilizada a partir do lugar enunciativo de um *eu*, que, para ter seu lugar de dizer, precisa ser reconhecido pelo *outro*, em uma relação *recíproca* – sem a percepção do outro, a narrativa constitui o falante em seu lugar enunciativo, entretanto o *outro* é que possibilita o lugar de dizer.

As análises feitas sobre as narrativas na fase do envelhecimento mostram que, apesar de os falantes BER, ANT, ALI e PED constituírem, *na e pela* narrativa, uma *relação discursiva com o parceiro*, de forma *coletiva*, muitas vezes essa relação é estabelecida de forma individual. Esse contexto é observado na relação de BER e ANT, nas linhas 5 e 6, 9 e 10, 19 e 20 e 24 e 25, e na relação BER e PED, nas linhas 16, 17 e 18.

De acordo com Benveniste (1989), a mobilização da língua em discurso *na e pela* enunciação faz emanar uma forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita dele uma resposta, entretanto, esse conceito vai de encontro a algumas observações feitas neste estudo ao abordar a fase do envelhecimento: na narrativa de ALI, observamos que não é constituída a relação discursiva com o parceiro, na coletividade na qual ela está inserida. ALI constitui seu lugar enunciativo e narra para os demais falantes, porém não possui seu lugar de dizer. Além disso, ALI mobiliza a língua em discurso de diferentes formas para tentar constituir seu lugar

de dizer: na linha 7, a idosa complementa a narrativa de BER; na linha 12, faz um questionamento sobre o assunto; na linha 26 corrige BER, entretanto, em nenhuma dessas mobilizações ALI constitui relação com o *outro*. Consideramos que ALI procura nessas mobilizações fazer parte da sociedade, a idosa procura situar-se na história de BER, buscando, na sua experiência na linguagem, referências de um acontecimento, para, assim, constituir um laço que a una, enquanto locutora, aos demais falantes, enquanto ouvintes, o que confirma o preceito benvenistiniano de que “Cada enunciação é um ato que serve ao propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo” (1989, p. 90).

5.2.2 Atualização do acontecimento *na* e *pela* narrativa

Por fim, nesta última seção de análise, passamos a investigar a narrativa na aurora da vida e na fase do envelhecimento, possibilitando a atualização de um acontecimento, uma vez que assumimos que a narrativa é um *modo enunciativo*. Consideramos que as narrativas não são apenas uma repetição de um fato, mas uma *reatualização* desse acontecimento, tendo em vista que dizem respeito a um novo *aqui e agora*, assim como afirma Benveniste (1989, p. 85 [grifos do autor]): “[...] o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo”.

Evidencia-se, assim, que as crianças Sophia e Theodoro, na aurora da vida, *ressignificam* – *na* e *pela* narrativa – um acontecimento: o almoço em família. Entretanto, na fase do envelhecimento, os idosos ALI e BER *recontam* um acontecimento: época em que cortavam árvores e vendiam fardos de erva. Uma primeira constatação se faz necessária, podemos considerar *recontar* e *ressignificar* de formas distintas. Percebemos que as crianças *ressignificam*, tendo em vista que tentam *reproduzir* um almoço em família, porém, com situações imaginárias, envolvendo dinossauros e “comidas de brincadeira”. Já os idosos *recontam* o acontecimento, atentando-se, sempre, para narrarem o mais próximo de como era no passado.

Com essas colocações, consideramos duas possibilidades *na* e *pela* narrativa e ambas as possibilidades levam-nos a afirmar que são acontecimentos *reatualizados*. Essa percepção possibilita-nos entender que *na* e *pela* narrativa o acontecimento é resgatado no tempo e a partir da experiência na linguagem de cada falante é constituído no presente da enunciação, como um novo acontecimento na vida do falante.

5.3 SÍNTESE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Para passarmos às conclusões obtidas na análise, precisamos lembrar os objetivos aos quais nos propomos. Com este trabalho, objetivamos, de maneira geral, refletir sobre a narrativa como modo de enunciar responsável pela constituição do lugar enunciativo e de dizer do falante – na aurora da vida e na fase do envelhecimento. Esse objetivo levou-nos a derivar da perspectiva enunciativa um conceito para narrativa, definindo que narrativa é um *modo enunciativo*, o qual permite ao falante assumir seu lugar enunciativo no quadro figurativo da enunciação, via relações espaço-temporais e procedimentos acessórios; e, por assumir esse lugar enunciativo, o falante, na prática humana da língua, assume seu lugar de dizer na sociedade.

A partir disso, derivamos dois objetivos específicos: a) investigar a complexa rede de relações espaço-temporais e designações que determinam o modo enunciativo da narrativa – na aurora da vida e na fase do envelhecimento; b) explicitar como, na relação língua-discurso, o falante constitui seu lugar enunciativo e ocupa seu lugar de dizer numa sociedade que narra – na aurora da vida e na fase do envelhecimento. De acordo com esses objetivos, constituímos o quadro a seguir, que apresenta aquilo que nos propomos como pesquisadores e os resultados que obtivemos na análise.

Quadro 7 – Princípios de análise e resultados obtidos

	Constituição do lugar enunciativo: relação da criança e do idoso com a língua-discurso		Constituição do lugar de dizer: a narrativa enquanto prática humana da língua	
	Constituição do lugar enunciativo e as relações espaço-temporais no quadro figurativo da enunciação	Particularidades das designações/fatos de vocabulário	Relações inter-humanas: a emissão da narrativa e a percepção desta pelo outro.	Atualização do acontecimento <i>na</i> e <i>pela</i> narrativa
Aurora da vida	Externalização constante do pronome <i>eu</i> , marcando <i>na</i> e <i>pela</i> narrativa os primeiros reconhecimentos do seu lugar na enunciação. Constituição do <i>eu</i> em relação a <i>tu-ele</i> – sendo real e imaginado. Mobilização dos índices “ali”, “lá”, “aqui”, “esse”, marcando seu lugar enunciativo no <i>aqui</i> e <i>agora</i> .	Grau diminutivo das palavras.	Troca <i>recíproca</i> entre as crianças Theodoro e Sophia. Ambos se reconhecem tanto pelos nomes quanto pelos personagens que assumem: Sophia – mãe; Theodoro – filho. Ambos constituem seu lugar de dizer.	Reatualização de um acontecimento <i>ressignificando-o</i> , incluindo brinquedos e narrativa imaginada.

Fase do envelhecimento	<p>Apenas duas externalizações marcando o lugar enunciativo: “a gente” e “eu”.</p> <p>Constituição do <i>eu</i> em relação a <i>tu-ele</i> – sendo apenas real.</p> <p>Mobilização dos índices “ali”, “lá”, “naqueles”, “aquelas”, “daqueles”, “aqueles”, situando acontecimentos do passado.</p>	<p><i>Designações</i> demonstrando a especificidade de uma determinada sociedade passada: “façonaço”, “raíto” e “arroba”.</p>	<p>A falante ALI não constitui relação discursiva com a coletividade na qual ela está inserida, portanto, não ocupa seu lugar de dizer.</p>	<p><i>Reatualização</i> do acontecimento <i>recontando</i>, buscando narrar os fatos o mais próximo da realidade vivida no passado.</p>
-------------------------------	---	---	---	---

Fonte: a autora (2023)

Percebemos que na aurora da vida e na fase do envelhecimento existe a mobilização da língua em discurso *na* e *pela* narrativa para que os falantes constituam seu lugar enunciativo, marcados, nessas duas fases da vida, pelos *índices específicos* e *procedimentos acessórios*. Somente a partir disso é que se torna possível ocupar o lugar de dizer na sociedade. O quadro possibilita-nos observar que tanto a criança, que está em processo de aquisição da língua, quanto o idoso, que já possui uma vasta experiência na linguagem, mobilizam a língua enquanto prática humana, a partir das relações espaço-temporais e das designações no quadro figurativo da enunciação. Assim, a narrativa é um *modo enunciativo* que constitui o lugar enunciativo e possibilita a ocupação do lugar de dizer na sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos no último capítulo da nossa pesquisa, para concluirmos, precisamos relembrar as concepções que nortearam este caminho, em um estudo na perspectiva enunciativa benvenistiana, tendo como temática “a constituição do falante *na* e *pela* narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento”.

No segundo capítulo, buscamos esclarecer os conceitos centrais do nosso estudo na rede conceitual benvenistiana. Na primeira seção, consideramos *a linguagem e seu simbólico*, e constatamos que a faculdade simbólica, realizando-se *pela* linguagem, possibilita ao falante nomear todas as coisas que o cercam, diferenciando o símbolo do simbolizado. Além disso, compreendemos que a linguagem somente é possível em razão de que cada falante constitui-se como *sujeito*, enquanto *eu* da sua enunciação, percepção que é considerada por nós como o lugar enunciativo. Na segunda seção, apresentamos a relação *língua e sociedade* e estabelecemos a língua enquanto prática humana, no posicionamento de um *eu* em uma coletividade humana, na relação do falante com seu discurso e com a sociedade. Na relação falante com a sociedade, na mobilização da língua em discurso, percebemos o uso particular que o grupo de homens faz da língua, o que resulta nas *relações espaço-temporais e procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação*. Nessa concepção, destacamos o lugar enunciativo como a constituição do falante enquanto *eu* na sua enunciação, fazendo referências a partir de si, mobilizando *na* e *pela* língua *índices específicos e procedimentos acessórios*, sendo que, a partir do lugar enunciativo, na constituição do *eu* em relação a *tu* e *ele*, é que o falante poderá situar-se em relação à sociedade, e, a partir do discurso, narrar suas experiências para o *outro*, ocupando seu lugar de dizer.

No capítulo três, dedicamo-nos a construir uma concepção enunciativa de narrativa. Para isso, mobilizamos o percurso teórico desenvolvido no capítulo anterior para situar nosso conceito nos estudos benvenistianos. Com isso, chegamos à definição de que a narrativa é um *modo enunciativo*, o qual permite ao falante assumir seu lugar enunciativo no quadro figurativo da enunciação, via relações espaço-temporais e procedimentos acessórios; e, por assumir esse lugar enunciativo, o falante, na prática humana da língua, assume seu lugar de dizer na sociedade. A partir disso, consideramos o nosso estudo em duas seções: aurora da vida e fase do envelhecimento, compreendendo a narrativa da criança e do idoso. A organização desses recortes e os estudos realizados levaram-nos a concluir que nas duas fases da vida o falante mobiliza a língua em discurso *na* e *pela* narrativa, constituindo-se como *eu* da sua enunciação e fazendo referências a partir de si – compreendendo o lugar enunciativo. Nesse cenário, o seu

posicionamento de *eu* em relação ao *outro*, em uma concepção de narrativa enquanto prática humana, busca seu lugar de dizer em uma sociedade. Consideramos, neste capítulo, que desde a aurora da vida, na emissão dos primeiros balbucios, a criança já está constituindo seu lugar de dizer, tendo em vista que, por mais que o adulto possibilite esse lugar, é a relação com o *outro*, desde os primeiros anos de vida, que constitui a experiência na linguagem. E isso é considerado também na fase do envelhecimento.

A partir desse percurso, chegamos ao capítulo cinco, no qual é apresentada a *metodologia*. Partimos de uma pesquisa de natureza básica, descritiva quanto ao objetivo, definindo-a como bibliográfica em uma abordagem qualitativa a partir de um método observacional e monográfico. Os *corpora* definidos possibilitaram uma *relação de alteridade* com outras pesquisas, tendo em vista o uso dos dados da tese de Valério (2015), intitulada *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação*, e do projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”. Como princípios metodológicos para a análise, procedemos um recorte enunciativo da aurora da vida, com narrativas dos irmãos Sophia e Theodoro, de 6 e 3 anos, e a um recorte enunciativo da fase do envelhecimento, composto por narrativas dos idosos ALI e BER, de 67 anos.

Por fim, o percurso que traçamos possibilitou que observássemos o falante mobilizando a língua em discurso para narrar nas duas fases da vida: aurora e envelhecimento - percebendo que a narrativa é um *modo enunciativo* que relaciona uma série relações espaço-temporais (*índices específicos*) e procedimentos acessórios (*designações*) no quadro figurativo da enunciação, na aurora da vida e na fase do envelhecimento. A partir das análises, observamos que na constituição do lugar enunciativo, na relação da criança e do idoso com a língua-discurso, são mobilizadas as relações espaço-temporais no quadro figurativo da enunciação. Evidenciamos, nesse percurso, que a criança mobiliza constantemente o pronome *eu* para marcar os primeiros reconhecimentos do seu lugar enunciativo - seu lugar na enunciação, sendo que, na fase do envelhecimento, essa apropriação é marcada apenas duas vezes. Percebemos, além disso, que a narrativa da criança é constituída na relação com o *tu* real e imaginado, diferentemente do que ocorre com o idoso, que apenas se constitui enquanto *eu* em relação ao *tu* real. Os índices específicos mostraram-nos que a criança mobiliza-os situando seu lugar enunciativo no *aqui e agora*, entretanto, o idoso busca situar acontecimentos passados em relação ao presente, dessa forma, as relações espaço-temporais são mobilizadas nas duas fases de maneiras diferentes. No que se refere aos procedimentos acessórios, considerando as *designações/fatos de vocabulário*, percebemos que o idoso mobiliza *designações* que demonstram a especificidade de uma determinada sociedade, ou seja, vocabulário que, apesar

de não ser tão comum na atualidade, ainda existe na narrativa desses idosos, enquanto a criança situa-se a partir do uso dos diminutivos. Com isso, a partir dessas particularidades da constituição do lugar enunciativo, torna-se possível a ocupação do lugar de dizer, e isso acontece na narrativa enquanto prática-humana da língua. Nas relações inter-humanas, portanto, a narrativa é emitida pelo *eu* e percebida pelo *outro*. Dessa forma, na fase do envelhecimento, percebemos que um dos falantes não constitui relação discursiva com o parceiro: ALI – a idosa – constitui seu lugar enunciativo e mobiliza a língua em discurso para narrar, entretanto, não ocupa seu lugar de dizer entre os falantes. Já no que refere à aurora da vida, Theodoro e Sophia reconhecem-se tanto pelos seus nomes quanto pelos personagens que assumem. Nessa ocupação do lugar de dizer, os falantes *reatualizam* um acontecimento no *aqui* e *agora*, de modo que, na aurora da vida, as crianças narram um fato: um almoço em família – porém *ressignificando-o*, incluindo novos personagens (dinossauros), brinquedos e constituindo uma narrativa imaginada no faz-de-conta da brincadeira. O idoso, entretanto, *reatualiza* um acontecimento: o corte e venda de erva no passado, mas *recontando-o* o mais próximo da realidade passada. Entendemos que cada falante mobiliza a língua em discurso a partir da sua experiência na linguagem, portanto, as afirmações desta análise estão embasadas na pesquisa com esses sujeitos.

Chegamos à conclusão de que *é na e pela* narrativa que o falante constitui seu lugar enunciativo e possibilita o seu lugar de dizer na sociedade. Percebemos, ainda, que o lugar de dizer somente é possível a partir do lugar enunciativo: o falante constitui-se como *eu* da sua enunciação, evocando o *outro* e mobilizando a língua em discurso. Porém, é na relação intersubjetiva, na relação com o *outro*, enquanto *tu*, que será possível o lugar de dizer.

Os recortes enunciativos mostraram-nos duas possibilidades de um acontecimento ser narrado: *recontar* e *ressignificar* – porém, ambos nos levam a concluir que *na e pela* narrativa um acontecimento sempre é *reatualizado*, pois é um novo *aqui e agora* – no único tempo possível na enunciação: o presente.

Os desdobramentos apresentados nesta pesquisa abrem deslocamentos futuros sobre o estudo da narrativa e da língua enquanto prática humana na perspectiva enunciativa. Nesse percurso, estabelecemos concordância com Knack (2018), que pontua que tudo que se sabe sobre linguagem está indissociável do que se sabe sobre o homem. Com isso, abrem-se caminhos para novos estudos em uma visão a partir de um homem-falante que, desde a aquisição da linguagem até a fase do envelhecimento, constitui-se em sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Estatuto da Pessoa Idosa. Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em 26 nov. 2022.
- BRASIL. Política Nacional do Idoso. Lei nº 8.842 de 04 de janeiro de 1994. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm>. Acesso em 26 nov. 2022.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1976.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.
- DESSONS, Gérard; NEUMANN, Daiane; OLIVEIRA, Giovane F. **Émile Benveniste e a arte do pensar**. ReVEL, vol. 18, n. 34, 2020. Tradução de Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira. [www.revel.inf.br]
- DIEDRICH, Marlete Sandra. **Aquisição da linguagem**: O aspecto vocal da enunciação a criança na linguagem. 2015. 147 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS, 2015.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. **A criança e suas narrativas**: a experiência constituída nos ruídozinhos vocais. In: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio. **O universo benvenistiano**: enunciação, sociedade, semiologia. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 204-220.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. **Narrativas de crianças na pandemia**: discursos que reinventam o mundo. 1 ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. **Os registros da experiência da criança na linguagem**: o ato enunciativo de transcrição. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 711-737, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314265114_Os_registros_da_experiencia_da_crianca_na_linguagem_o_ato_enunciativo_de_transcricao>. Acesso em: 20 maio 2022.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- FRANÇOIS, F. Estrutura e fantasia. In: FRANÇOIS, F. **Crianças e narrativas**: maneiras e sentir, maneiras de dizer. Textos escolhidos e apresentador po Régine Delamotte-Legrand. Trad. de Ana Lúcia Tinoco Cabral e Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Humanitas, 2009. p. 81-112.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. 1 ed. Lisboa, Portugal: Arcádia, 1979.
- KNACK, Carolina. **A língua como prática humana**: desdobramentos das relações entre língua e sociedade. Revista Desenredo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 14, n. 14, n. 3, p. 394-403, 2018. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8583>>. Acesso em 22 set. 2022.

LABOV, William . **Some further steps in narrative analysis**. The Journal of Narrative and Life History. v.7, n. 1-4, 1997. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.htm>> trad. Waldemar Ferreira Netto. Acesso em 10 jun. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 30 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

OLIVEIRA; Marina de. **O menino contador de histórias: a criança e a arquitetônica do ato narrativo**. 2022. 112 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo – UPF, Passo Fundo/RS, 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**. [recurso eletrônico]. 2 ed. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem – enunciação e aquisição**. 1 ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **Subjetividade, socialidade e historicidade na arte do problema em Benveniste**: prospecções de Gérard Dessons. Revista Linguagem e Ensino Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, v. 23, n. 3, p. 616-627 , 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/218002/001121267.pdf>>. Acesso em 20 out. 2022.

VALÉRIO, Patrícia da Silva. **Linguagem e Tempo: a memória na perspectiva da enunciação**. 2015. 194 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo/RS, 2015.